

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL
GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL**

NATHÁLIA MARIA SPOHR DE MEDEIROS

**DE NÓ EM NÓS: COMPETÊNCIAS RELACIONAIS NA
FORMAÇÃO DO TERAPEUTA OCUPACIONAL**

**JOÃO PESSOA
2022**

NATHÁLIA MARIA SPOHR DE MEDEIROS

**DE NÓ EM NÓS:
COMPETÊNCIAS RELACIONAIS NA FORMAÇÃO DO TERAPEUTA
OCUPACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a Conclusão do Curso
de Bacharelado em Terapia Ocupacional da
Universidade Federal da Paraíba.

Orientador (a): Profa. Dra. Carolina Couto da
Mata

JOÃO PESSOA
2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M488n Medeiros, Nathália Maria Spohr de.

De nó em nós : competências relacionais na formação
do Terapeuta Ocupacional / Nathália Maria Spohr de
Medeiros. - João Pessoa, 2022.

53 f.

Orientadora : Carolina Couto da Mata.

TCC (Graduação) - UFPB/CCS.

1. Terapia Ocupacional. 2. Formação profissional. 3.
Competências relacionais. 4. Raciocínio clínico. 5.
Relação profissional-paciente. I. Mata, Carolina Couto
da. II. Título.

UFPB/CCS

CDU 615.851.3

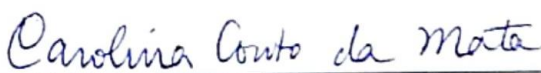
NATHÁLIA MARIA SPOHR DE MEDEIROS

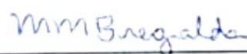
DE NÓ EM NÓS:
COMPETÊNCIAS RELACIONAIS NA FORMAÇÃO DO TERAPEUTA OCUPACIONAL

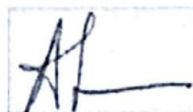
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a Conclusão do Curso de Bacharelado em Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba, apreciado pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Aprovado em: 01 / 12 / 2022

COMISSÃO EXAMINADORA


PROFa.. DRA. CAROLINA COUTO DA MATA
Universidade Federal da Paraíba


PROFa. DRA. MARÍLIA MEYER BREGALDA
Universidade Federal da Paraíba



Esp. ANA LUIZA CESAR VIANA
Grupo de Estudos Profundos de Terapia Ocupacional - GES.TO

DEDICATÓRIA

*Dedico esse estudo às pessoas que se permitiram
serem cuidadas e acompanhadas por mim
durante o meu processo de formação
em terapia ocupacional,
pela forma genuína com que abriram as
suas vidas e suas histórias.*

AGRADECIMENTOS

Às mulheres da minha família que antes de mim percorreram caminhos árduos com coragem e amor, é por e com elas que finalizo o ensino superior.

Ao meu pai, Ivan, que me mostra sempre uma nova perspectiva sobre a vida e é meu amparo.

À minha mãe, Beti, que incansavelmente cuida de mim e acredita no meu potencial.

Ao meu irmão, Guilherme, que me ilumina com sua risada de esperança.

À minha irmã, Belle, por me fazer ser melhor a cada dia e ser minha inspiração.

À minha irmã, Mariane, pela sua coragem de existir e seu modo de ser fortaleza.

À minha irmã, Fabiana, que me acolhe e guia para um caminho possível de amor a todos os seres existentes.

À minha amiga, Gilvania, que me escuta com atenção e me dá bons conselhos para uma vida mais divertida e amorosa.

Aos meus animais de estimação, Lessie, Thor e Lua, pela inocência e alegria constantes.

Ao meu companheiro, Jeshua, que se faz presente nos momentos alegres e difíceis com carinho inesgotável.

À minha psicanalista Aline pelo cuidado ao longo dos anos.

À Pamela que esteve comigo nos momentos mais importantes da formação e com quem compartilhei angústias e insatisfações.

À Karol pelo carinho e incomparável força no último ano de graduação, que sorte te ter por perto amiga.

Ao meu grupo de amigas que a graduação apresentou, Jessyca, Mariane, Karol e Pamela, agradeço por cada dia, cada risada e cada abraço.

Às pessoas que tenho carinho e que partiram desta vida na terra, mas que se eternizam nas minhas memórias.

A todas as docentes do curso de Terapia Ocupacional e em especial Beatriz e Marília. Agradeço de coração os ensinamentos ao longo dos anos.

Ao Grupo GES.TO pelo carinho, acolhida e por me lembrar semanalmente da importância deste estudo e por me ensinar a ser terapeuta ocupacional.

Por fim, a Carolina que me acompanhou durante boa parte da formação e me orientou com carinho na construção deste estudo. Agradeço a sua existência e a insistência em construir uma terapia ocupacional crítica.

RESUMO

Este estudo se debruça sobre o caminho de experiências que fiz na graduação/formação para o desenvolvimento de um modo de ser/fazer terapia ocupacional, e a importância das experiências práticas e de uma postura sensível às afetações do encontro com as pessoas que acompanhamos e suas histórias. Nesse sentido, esse estudo se refere à minha própria experiência na formação e no desenvolvimento dessas competências relacionais na construção de vínculo terapêutico durante a minha primeira prática com uma família em acompanhamento domiciliar breve na Atenção Básica, em um bairro periférico urbano de uma capital nordestina. O caminho metodológico deste estudo relata a minha experiência e a analisa em primeira pessoa, com o intuito de evidenciar o meu lugar de sujeito ativo dos acontecimentos descritos e dos saberes gerados por essa experiência. Para tanto, foi escrita uma narrativa livre nomeada de “Entrelaçamentos - de nó em nós” sobre a minha perspectiva dos encontros com a família no processo terapêutico. A partir disso, faço uma análise teórica-reflexiva que dialoga com os temas e conceitos que são evidenciados pela narrativa. Destaco o movimento - terapêutico-ocupacional - de acolher quem está diante de mim, de me aproximar na medida que o outro me permite, de convidar a uma relação de cuidado comigo, de testar formas diversas de me relacionar com as pessoas, de apostar e investir em quem se coloca disponível à minha intervenção, de explorar as possibilidades e de refletir sobre o fazer das pessoas. Nesse percurso, discuto a importância da construção do vínculo terapêutico para as relações de cuidado e evidencio a relevância das atividades práticas durante a graduação no desenvolvimento das competências relacionais - conhecimentos, habilidades e atitudes - dos terapeutas ocupacionais. Tenho como pressuposto que a *leitura* da realidade das pessoas constitui o raciocínio que embasa a atuação do profissional. Esses aspectos que me chamam a atenção como terapeuta ocupacional, evidenciados na escrita desse estudo, me comunicam sobre o modo de vida dessas pessoas, oferecem conteúdo para a formação do vínculo terapêutico e, ao mesmo tempo, para o cuidado com os sujeitos. Foram, portanto, as competências relacionais próprias do terapeuta ocupacional, fundamentais no processo formativo das minhas habilidades e atitudes, ética e teoricamente sustentadas, que foram estabelecidas em meio a complexidade do cotidiano e das relações interpessoais, e que se constituíram nas práticas de cuidar.

Palavras-chaves: Terapia Ocupacional; formação profissional; competências relacionais; raciocínio clínico; relação profissional-paciente.

ABSTRACT

This study focuses on the path of experiences I had in graduation/formation for the development of a way of being/doing occupational therapy, and the importance of practical experiences and a sensitive attitude to the affectations of the encounter/appointment with the people we accompany and their stories. In this sense, this study refers to my own experience in the formation and development of these relational competences in building a therapeutic bond during my first practice with a family in brief home care in Primary Care, in an urban peripheral neighborhood of a northeastern capital. The methodological path of this study relates my experience and analyzes it in the first person, with the aim of highlighting my place as an active subject of the events described and of the knowledge generated by this experience. Therefore, a free narrative named “Interlacings - from knot to us” was written regarding my perspective on the encounters that took place with the family during the therapeutic process. From this, I make a theoretical-reflexive analysis that dialogues with the themes and concepts that are evidenced by the narrative. I highlight the movement - therapeutic-occupational - of understanding and acknowledging whoever is in front of me, of getting closer to the extent that the other allows me, of inviting a relationship of care with me, of testing different ways of relating to people, of betting and to invest in those who make themselves available to my intervention, to explore possibilities and to reflect on what people do. Along the way, I discuss the importance of building a therapeutic bond for care relationships and highlight the relevance of practical activities during graduation in the development of relational competences - knowledge, skills and attitudes - of occupational therapists. I assume that reading people's reality constitutes the reasoning that underpins the professional's performance. These aspects that call my attention as an occupational therapist, evidenced in the writing of this study, communicate to me about the way of life of these people, offer content for the formation of the therapeutic bond and, at the same time, for the care of the subjects. It was, therefore, the occupational therapist's own relational competences, fundamental in the formative process of my skills and attitudes, ethically and theoretically supported, which were established in the midst of the complexity of everyday life and interpersonal relationships, and which were constituted in care practices.

Key Words: Occupational therapy; professional education; relational competence; clinical reasoning; professional-patient relations.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	OBJETIVOS.....	15
3	METODOLOGIA	16
4	ENTRELAÇAMENTOS - DE NÓ EM NÓS.....	20
5	DISCUSSÃO.....	30
5.1	Cena 1 - Dar poesia à cena.....	30
5.2	Cena 2 - Chance.....	32
5.3	Cena 3 - Emparelhar	37
5.4	Cena 4 - Fazer a si.....	42
5.5	Cena 5 - Desaguar.....	45
5.6	Cotidiano-poesia-estudo	48
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54

1 INTRODUÇÃO

submergir-se; cobrir-se; inundar-se; inspirar-se; investigar-se; pesquisar-se;
provocar; propor; compreender; aproximar; convidar; testar; apostar;
vincular; prever; arriscar; investir; explorar; refletir;
estudar; pensar; experienciar; fazer; saber; falar.

Esse estudo se refere ao processo de pesquisa da minha própria experiência, um instante de reflexão que convida a “parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar” a experiência vivida (LARROSA, 2021, p.25). Tem como objetivo refletir sobre o desenvolvimento das minhas habilidades e atitudes relacionais, ao descrever o processo de raciocínio profissional que realizei quando buscava formar um vínculo terapêutico com uma família durante um atendimento domiciliar da Atenção Básica na cidade de João Pessoa.

A minha trajetória acadêmica apresenta alguns marcos que compõem esse movimento de estudar sobre os processos de vinculação entre o terapeuta e as pessoas acompanhadas. No início de 2019, participei de um curso ministrado por uma professora, ora minha orientadora neste estudo, de título: “A relação terapeuta-paciente e outras relações de ajuda: que vínculo é esse?”. As anotações que fiz durante as aulas desse curso e a leitura da referência bibliográfica principal, “A relação terapeuta-paciente” do terapeuta ocupacional e professor Rui Chamone Jorge (1989), bem como, outras de suas obras, me mantém atenta às afetações dos encontros com as pessoas e compõem, portanto, este estudo.

Por se tratar da minha própria experiência, o meu lugar de sujeito neste estudo e como integrante ativa dos acontecimentos descritos - ou seja, como sujeito da experiência (LARROSA, 2021) - é explicitado ao narrá-los em primeira pessoa. Esse relato do já vivido implica escolher um recorte da prática após sua ocorrência, pelo seu caráter significativo, marcante, pelos elementos que me afetam, me surpreendem ou me inquietam. Pretendo buscar, assim, novos sentidos, entrelaçamentos e traços à experiência de aproximação, formação de vínculo e escuta sensível durante a prática realizada com esta família. A análise feita neste estudo relata e sistematiza a minha experiência no desenvolvimento das competências relacionais e na construção do raciocínio profissional durante minha formação como terapeuta ocupacional.

Frequentemente, os profissionais se referem ao “olhar do terapeuta ocupacional” na tentativa de explicar o diferencial da profissão diante de um cuidado ofertado. Lima (2004) elabora um pensamento sobre as palavras ‘visão’ e ‘olhar’, discutindo o significado delas para a construção de uma percepção terapêutica ocupacional que oferece acolhimento às pessoas

em atividade e que seja passível às afetações com os sujeitos e seus fazeres. Em sua elaboração, a autora descreve a *visão* como uma ação fisiológica que precede a fala e que dialoga com os nossos sentimentos, experiências culturais e subjetivas (LIMA, 2004). O *olhar* é descrito por Lima (2004) como uma ação mais que perceptiva e mais do que ver o visível, sendo, portanto, um movimento que “interroga, pesquisa, penetra e interfere nas coisas e em seus movimentos” e que “cria sentido para aquilo sobre o qual se debruça e devolve este sentido” (LIMA, 2004, p.44).

Tudo isso constrói em nós um modo de ser/fazer terapia ocupacional, o que Lima (2004) chama de visão e de olhar e que nesse estudo opto pela palavra “*leitura*”, indicando uma integração entre a percepção visual do terapeuta, os aspectos pessoais - culturais, sociais e subjetivos -, as habilidades para a construção de um raciocínio profissional e o processo relacional entre o terapeuta ocupacional e as pessoas em acompanhamento. Ler a realidade das pessoas, seu cotidiano e seus fazeres implica observar, analisar, interpretar e compreender os acontecimentos para mediar processos e reflexões rumo às possíveis transformações que o outro pretenda realizar em sua vida. Nesse sentido, esse estudo parte do pressuposto que essa *leitura* da realidade se refere ao raciocínio que embasa a atuação do profissional e que pretendo explicitar por meio da narrativa da minha própria experiência de acompanhamento.

Esse exercício analítico da minha experiência é desenvolvido a partir de uma posição de distanciamento do modo de produção de conhecimento mecanicista. Aqui ele se constitui sob a perspectiva da mudança de paradigma que a contemporaneidade nos convoca, segundo Galheigo (2009), de que é preciso trazer para perto a complexidade, a imprevisibilidade e o mundo do significado e dos sentidos e, neste estudo acrescento, trazer para perto a experiência intersubjetiva. A partir dessa outra posição diante da construção do conhecimento, compreende-se o ato de pesquisar como semelhante ao de conversar, dialogar com diferentes campos de saberes (SIEGMANN, 2007).

Para introduzir a ótica utilizada na compreensão da palavra experiência e a colocar como objeto desse estudo, baseio-me nas reflexões do pedagogo Jorge Larrosa (2021). A experiência é apreendida como aquilo que “nos passa, o que nos acontece e o que nos toca” (LARROSA, 2021, p.18), implicando, assim, um “sujeito da experiência” que se mantém em uma postura sensível ao acontecer, às suas afetações e transformações. O autor nos apresenta, ainda, o “saber da experiência” se referindo às formas como nos apropriamos e respondemos àquilo que nos acontece, de maneira particular, subjetiva, contingente, relativa e pessoal.

Rui Chamone Jorge (1990), um dos pioneiros da Terapia Ocupacional, ao discutir os fundamentos das intervenções da profissão, dialoga com o desenvolvimento do *saber da*

experiência apresentado por Larrosa (2021). Para Chamone, o processo terapêutico-ocupacional pode ser sintetizado no movimento do sujeito de *fazer-saber-falar*. Esse autor propõe a centralidade do processo no fazer do sujeito, como meio e fim para alcançar a consciência de si mesmo e de sua vida relacional, seu saber próprio, um saber *do* sujeito (JORGE, 1995). Esse *fazer-saber-falar* chamoneano está para *a experiência*, para *o sujeito da experiência* e para *o saber da experiência* propostos por Larrosa (2021). Pois, o *fazer/experiência* resulta em um *saber/saber da experiência* que leva a nomeação/síntese dessas afetações, registro expressivo/*falar*, formativo e conceitualizador dessa consciência de si e do mundo da vida. Nesse sentido, pode-se entender que o próprio *saber da experiência* se apresenta como um saber *do* sujeito (JORGE, 1995). Esse sujeito se apresenta, então, como um *sujeito da experiência*, ao utilizar do seu saber próprio em seu viver. Compreendemos assim que a *experiência* e o seu saber são o que nos permitem apropriar-nos de nossa vida (LARROSA, 2021).

No tocante a compreensão sobre a experiência e o sentido em que a utilizamos neste estudo, Jorge Larrosa (2021), faz uma reflexão a respeito da função das palavras, estas “produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação” (LARROSA, 2021, p.16). Para o autor ao nomear o que nos acontece e o que fazemos, estamos sobretudo, dando sentido ao que somos. Partiu-se, portanto, neste estudo desse movimento de nomear o que nos acontece para compreender, não a verdade, mas a experiência significativa (LARROSA, 2021), neste caso, a minha própria experiência significativa.

Para analisar a minha experiência formativa de construção de vínculo, produzi uma narrativa livre como meio de materializar, registrar em palavras e nomear a minha experiência, como uma estratégia para buscar extrair o saber dela proveniente. Considero a vivência da prática formativa conectada com a compreensão de Larrosa (2021) sobre a experiência, o sujeito e o seu saber e com o *fazer-saber-falar* de Chamone Jorge (1995). Desenvolvo um percurso de escrita sobre o meu raciocínio profissional, o que provocou uma reflexão sobre as relações terapêuticas construídas. Problemático as interpretações do cotidiano das pessoas que cuidamos que acabam se tornando superficiais quando feitas a partir de relações de cuidado que não ousaram aproximar-se o bastante do outro para perceber as sutilezas, as diferentes formas de se comunicar das pessoas, o subentendido nas relações pessoais e as conexões entre os acontecimentos. Faço isso ao relatar a formação da minha capacidade de deixar-me afetar pelas situações, de aguçar a minha empatia nas leituras e escutas sensíveis que tentei realizar, e no mergulho profundo que fiz no encontro com o outro,

entendendo esse movimento como fundamental no processo formativo.

Para isso, considerando a centralidade do vínculo terapêutico para a atuação, para o raciocínio que o profissional precisa fazer e a posição diante do outro que deve adotar para estabelecê-lo com as pessoas atendidas, faz-se necessário que o terapeuta ocupacional em formação aprenda as competências fundamentais que precedem e constroem o seu raciocínio sensível - são as competências relacionais e humanas, conforme nos ensina Bregalda (2019). Em sua pesquisa doutoral, essa autora dedicou-se em compreender como os cursos de terapia ocupacional em instituições públicas nacionais percebem e ensinam as competências relacionais. Estas se referem aos conhecimentos, habilidades e atitudes que em conjunto sustentam a construção de vínculos e relações de parceria com as pessoas atendidas, baseadas na competência humana para o cuidado e na proposta de uma assistência qualificada e humanizada. Durante a formação graduada, as práticas formativas agregam saberes para que sejam cultivados a “percepção, afetividade, sensibilidade, sentido ético e estético, espiritualidade e manejo das emoções e da intuição de forma integrada com a razão” (BREGALDA, 2019, p.58) e sirvam para a constituição dessas competências.

Essas competências relacionais compõem o raciocínio profissional que envolve as pessoas, o seu fazer e seus contextos. Na experiência relatada neste estudo, reflito sobre a minha percepção da prática com a família e sobre o meu desenvolvimento das habilidades e atitudes apontadas por Bregalda (2019), sobre minha capacidade de: desenvolver ações territoriais; tomar decisões; desenvolver a escuta qualificada, crítica e reflexiva dos desejos e necessidades dos sujeitos. Analisei, também, o meu desenvolvimento de outras habilidades mencionadas pela autora: de sociabilidade, de manejo das relações na instauração e mediação de uma relação terapêutica com o sujeito, na maneira de me aproximar, acolher e intervir junto aos sujeitos, buscando relacionar-me de forma ética, afetiva e poética para construir relações e estabelecer vínculos com pessoas e territórios (BREGALDA, 2019).

No que tange às atitudes importantes para atuação do terapeuta ocupacional, encontradas na pesquisa de Bregalda (2019) e que destaco neste estudo: a comunicação empática e a capacidade de se permitir afetar pelo sofrimento do outro; o respeito e valorização da diversidade, dos contextos e saberes dos sujeitos e das diferenças sociais, culturais, de gênero, raça/etnia e religiosa; a responsabilização do cuidado com o outro; a sensibilidade para lidar com os sujeitos e suas escolhas, com o sofrimento humano e com as diversas formas de vida e a organização do cotidiano; e a disponibilidade afetiva para as relações com as pessoas que acompanhamos.

Tal conjunto de competências permitem, de um modo geral, a aproximação do terapeuta às pessoas, a identificação das demandas relacionadas à vida cotidiana delas e o desencadear de um processo de cuidado e acompanhamento de suas realizações. Essas competências sustentam e direcionam a atuação e a construção de relações horizontais com as pessoas, em uma perspectiva crítica e política, que considera os encontros interpessoais importantes para a atuação profissional (BREGALDA, 2019). De tal forma que o conjunto de experiências e vivências práticas formativas, estudos teóricos e discussões formam conexões que preparam o terapeuta ocupacional em formação para o encontro consciente e responsável com as pessoas, para acolhê-las nas suas histórias e nas suas demandas, com suas intensidades e rupturas (CASTRO, 2005).

Este estudo, portanto, retrata reflexivamente a minha experiência no desenvolvimento das competências relacionais, ao sistematizar o raciocínio profissional que utilizei na formação do vínculo terapêutico com uma família atendida em seu domicílio, durante atividades práticas de uma das disciplinas do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba. Utilizo da minha *leitura* dos acontecimentos e do raciocínio que realizei na escrita de uma narrativa do acompanhamento com esta família e na seleção de trechos dessa experiência para análise e diálogo teórico-reflexivo acerca do que desenvolvi.

2 OBJETIVOS

Geral

- Refletir sobre o desenvolvimento de competências (conhecimentos, habilidades e atitudes) relacionais na formação de terapeutas ocupacionais.

Específico

- Descrever o processo de construção do raciocínio profissional de uma estudante na formação do vínculo terapêutico durante atendimento domiciliar a uma família.

3 METODOLOGIA

“...e penso que é assim mesmo que a vida se faz:
de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também.
E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados...
Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma.”
Cris Pizzimenti

A presente produção configura-se na modalidade qualitativa de pesquisa. A escolha do tipo de pesquisa como relato de experiência adiciona elementos a esse trabalho, tais como: a valorização da experiência acadêmica dentro dos pilares ensino, pesquisa e extensão, a relevância do embasamento científico e o caráter crítico-reflexivo da formação (MUSSI, 2021). Propõe a valorização das experiências objetivas e subjetivas do estudante para a formação de um(a) futuro(a) profissional de terapia ocupacional.

O contexto da experiência objeto deste estudo situa-se na disciplina Áreas de Intervenção da Terapia Ocupacional e Cenários de Prática I que tem como ênfase a Atenção Básica à Saúde, estudam-se as bases teóricas do Sistema Único de Saúde e a atuação da Terapia Ocupacional no território, através da articulação da disciplina com uma Unidade de Saúde da Família (USF) do município. Na disciplina, o contato com as primeiras vivências práticas da graduação se deu por um período breve, entre fevereiro e março de 2020. Os estudantes, divididos em duplas e trios, ofereceram um acompanhamento domiciliar a famílias indicadas pela USF de referência, visitando-as uma vez por semana. Nesse formato tínhamos a família como foco do cuidado, como é previsto para os atendimentos na Atenção Básica.

Todo o movimento coletivo da disciplina que precede o encontro com o território e com as famílias que iríamos acompanhar, buscou nos preparar para a experiência relatada nesse estudo e para a construção de relações que envolveram eu e minha colega de turma - com quem formei uma dupla para os atendimentos nesta disciplina -, a professora que era a nossa supervisora e a família que acompanhamos - composta pelo casal de idosos Socorro e José, e sua filha e cuidadora, Ana. Essa família era acompanhada pela USF pelas questões de hipertensão dos três membros, pela diabetes mellitus e amputação de um membro inferior de José e a artrite e artrose de Socorro. O estágio de Fisioterapia da UFPB também realizava atendimentos com foco principal em José há alguns semestres e foi a docente da Fisioterapia quem percebeu a necessidade da intervenção terapêutica ocupacional e sugeriu para a docente de Terapia Ocupacional a inclusão dessa família para os atendimentos domiciliares, que começaram no semestre anterior a minha experiência relatada neste estudo.

Nesse sentido, o acompanhamento que realizamos com José (77 anos), Socorro (73) e Ana (49 anos) ocorreu em quatro encontros situados na casa da família num bairro periférico de uma capital urbana nordestina. Outras pessoas aparecem momentaneamente na casa, porém, não se destacam no decorrer dos acompanhamentos - o filho do casal e moça que nos recepciona no primeiro dia. Os nomes utilizados neste estudo são fictícios e foram escolhidos por mim. São nomes comuns que dizem de tantos Josés, Socorros e Anas que conheci e que, cada qual a seu modo, experimentou a vida. O intuito inicial do acompanhamento com esta família era identificar as demandas e outras possibilidades de melhoria na qualidade de vida deles, mesmo as ainda não percebidas por eles.

Neste estudo, apresento um diálogo teórico-reflexivo com a minha experiência prática ao longo da disciplina e os desdobramentos posteriores a ela. Para isso, percorri um caminho que passou pela rememoração da experiência, registrada por meio da escrita de uma narrativa livre com caráter autobiográfico, seguida de sua análise e finalizo na construção de uma conversa teórica e reflexiva acerca da minha experiência significativa durante meu processo de formação profissional.

O caminho metodológico encontra parte significativa de sua fundamentação nos conceitos de narrativa e seus formatos de investigação das memórias, que são as experiências vividas (SOUZA; CABRAL, 2015). Para a construção de uma narrativa passa-se pela rememoração que condiz com o ato de mergulhar nas lembranças de determinado espaço/tempo, compreendendo o caráter flexível da memória e a historicidade dos sujeitos. De forma semelhante, a abordagem autobiográfica implica um voltar-se para si, para a própria trajetória no entrelaço do pessoal com a formação profissional, adicionando as reflexões sobre a prática (SOUZA; CABRAL, 2015). Para marcar, então, a implicação da autora e o lugar de sujeito-objeto da experiência em análise, optou-se por escrever em primeira pessoa¹.

Assemelha-se ao trajeto que fomos realizando na pesquisa o procedimento de análise denominado como *caso-pensamento*, defendido pela terapeuta ocupacional Christiane Siegmann (2007). Consiste em dois momentos diferentes, mas que se mesclam no processo: a escrita de ensaios poéticos e a formação de *teias-conceituais*. No ensaio poético, a escrita de situações clínicas significativas para o terapeuta é feita em linguagem poética e literária. Já as teias-conceituais são o emaranhado teórico, a etapa de análise do ensaio poético e pode

¹ Considerando que o atendimento domiciliar foi realizado em dupla, na narrativa e em parte da discussão, uso em alguns momentos também a primeira pessoa do plural para incluir e legitimar a importância da participação da minha colega de turma nessa experiência e nas repercussões dessa formação das minhas competências relacionais.

ser elaborada de distintas formas.

No trajeto de rememoração da experiência retomo às minhas anotações, fotos previamente autorizadas, retiradas durante as visitas a casa da família, uma poesia que escrevi no último encontro com a família, a leitura flutuante de relatórios e registros realizados nas supervisões, a memória dos encontros com a família e dos diálogos com a dupla. Há também, fragmentos das falas das pessoas acompanhadas sobre suas necessidades e significações presentes, bem como, memórias e sensações inscritas no meu corpo durante a prática profissional (SIEGMANN, 2007). Configura-se como momento de revisitar, mergulhar na memória da experiência, sem se preocupar com a precisão e exatidão dos fatos.

Assim, submersa nas recordações, escrevi uma narrativa livre que se assemelha ao ensaio poético de Siegmann (2007) e inclina-se também para o caráter autobiográfico que intitulei como *Entrelaçamentos: de nó em nós*. No processo de produção desse estudo, retomo a narrativa livre ao me recordar de algum detalhe importante que ainda não tinha sido registrado ou quando alguma parte precisa ser revisada para melhor compreensão do leitor, numa produção que toma forma com o caminhar de sua sistematização.

O percurso seguinte foi realizado por meio de diálogos e análise dos temas que emergem da narrativa livre. Algumas partes chamavam a atenção desde o início, outras apenas na repetição das leituras que ganharam destaque, e foi a partir desse levantamento que se sistematizou uma discussão que foca no processo de construção do meu raciocínio profissional diante da experiência.

Para dialogar com as perspectivas teóricas e com elas tecer minha reflexão, busquei textos em diferentes campos de saberes para o aprofundamento das discussões sobre a o cotidiano das pessoas e a construção do vínculo terapêutico e o desenvolvimento do raciocínio profissional durante o processo de formação na graduação, de modo a sistematizar teoricamente a minha prática/experiência. Tal percurso se aproxima da configuração das teias-conceituais conforme apresentadas por Siegmann (2007).

O caminho da metodologia se faz como a costura de uma colcha de retalhos, em que se utiliza pedaços das possibilidades metodológicas encontradas para compor partes do todo deste trabalho, dando a ele sentido. E pesquisar a própria experiência prática e formativa é compor um “olhar sensível do pesquisador para si mesmo e para o outro dentro da prática clínica, mas que procede a uma análise crítica de suas experiências profissionais” (SIEGMANN, 2007, p.57). Nesse sentido, neste estudo trata-se de relatar a minha experiência para descrever, sistematizar e refletir sobre ela e sobre o raciocínio que utilizei no processo de desenvolvimento das competências relacionais, durante esse período da minha formação.

Para discutir as nuances da minha experiência, adiciono a este estudo a narrativa livre e apresento a seguir partes que intitulei e numerei sequencialmente como ‘cenas’ para melhor compreensão do leitor dos trechos destacados e, que são acompanhadas pelo diálogo teórico-reflexivo que desenvolvo neste estudo.

4 ENTRELAÇAMENTOS - DE NÓ EM NÓS

O que se sabia de José era que se tratava de um homem agressivo, se sabia de histórias violentas, e só. Logo me perguntei: e as outras histórias dessa vida?

Sua esposa dizia que a situação de saúde do marido, uma perna amputada e a outra comprometida pela diabetes, era o preço pago por ele por seus inúmeros pecados. Religiosa que era, acreditava fielmente nessa forma de interpretar a vida: os pecadores e os não pecadores; os do mundo e os que não eram do mundo. Nós, eu e minha colega com quem eu trabalhava nessa prática, éramos, segundo Socorro, as únicas coisas do mundo que ela gostava.

O modo de interpretação da família sobre José e sua condição de saúde seguia uma direção apenas: “coisa boa José não tinha feito para estar preso a uma cama”.

Tinha uma névoa em uma parte de sua história, via-se apenas o homem que violentou e que podia violentar, nada mais.

◦ ◦ ◦

Divididos em duplas, a minha turma de terapia ocupacional da Universidade se viu diante dos primeiros encontros entre terapeuta e pacientes. O clima era de curiosidade, mas também de medo. Encarar de frente a expectativa, a resposta para uma dúvida: sei ou não sei fazer isso que venho estudando apenas nos livros, isso que chamamos de terapia ocupacional?

Fazer terapia ocupacional ou fazer-se uma terapeuta ocupacional acontece no processo, nos retoques e elaborações. Esse fazer junto com essa família representa um marco de transição para mim, a chegada da parte mais prática do curso. Na disciplina acompanhamos famílias e conhecemos o território através da articulação com a Unidade de Saúde da Família e sua equipe. Estudamos o Sistema Único de Saúde com o foco na Atenção Básica à Saúde, tivemos o momento da prática e as supervisões com a professora.

Porém, antes de chegarmos nas casas das famílias há um momento para a divisão das duplas de estudantes e das famílias. Para isso, são convidados os estudantes do semestre anterior para uma roda de trocas de experiência, com o intuito de provocar a turma a encontrar/escolher, em conjunto com a professora e colegas, uma família para acompanhar durante o curto período. É pensado pela professora um formato em que os estudantes se sintam à vontade para passar adiante ou demonstrar interesse em ofertar cuidado a uma família.

Duas colegas de curso, que foram as estudantes de terapia ocupacional anteriores e pioneiras nessa família, contaram como se aproximaram de Socorro e com muito cuidado acolheram

seu sofrimento. No relato delas era possível sentir a intensidade do encontro a cada ida na casa de Socorro. Lembro que me prendia a atenção escutar o relato da dupla anterior, como era intrigante a forma como as estudantes transmitiram e criaram uma relação de confiança e afeto, principalmente com Socorro e com Ana, sua filha. Por outro lado, o relato me provocou também uma sensação de curiosidade pela história de José, esposo de Socorro, que, nesse acompanhamento anterior, não foi o foco das ações de cuidado das estudantes. As colegas disseram que talvez eu e minha dupla poderíamos considerar essa família para ser a nossa escolha. E no mesmo dia tínhamos que definir as duplas e as famílias, mas como a minha dupla não estava presente e considerando a densidade dos assuntos, foi acordado que, antes de decidir, precisaríamos saber se ela também queria oferecer cuidado a essas pessoas. Depois, afinal, ela também aceitou o desafio, mesmo sendo insegura como eu, sem saber se conseguiríamos dar conta da intensidade, por sermos as duas assim tão inexperientes na profissão e na vida.

Inicialmente, a turma fez algumas visitas ao território, realizou o acompanhamento da rotina da Unidade de Saúde da Família, se aproximando da prática de alguns profissionais, algumas visitas domiciliares em grupo, visita à escola e aos pontos de referência do bairro. Feito isso, chegou o momento de conhecer as famílias.

O trajeto para a casa de José, Socorro e Ana, minha dupla e eu o fazíamos andando desde a Unidade de Saúde da Família. Aproveitamos esse momento para conversar, dizer dos nossos medos, inseguranças, costumávamos elogiar uma à outra como quem admira uma obra de arte em construção. Fazíamos observações ao longo da caminhada sobre a dinâmica do comércio, das relações entre vizinhos, os tipos de cuidado com os animais e a relação com o lixo. Era um percurso curto, mas que se alongava para sentirmos a experiência. Passávamos por avenidas, comércios, feira livre, escola e algumas residências.

Quando chegamos, percebemos que a casa tinha um terreno grande. Chamamos, ninguém atendeu. Depois de discutir se entrávamos ou não, optamos por passar pelo pequeno portão de grade que estava com o cadeado aberto e assim, entrar no vão de entrada. Dali, via-se uma janelinha à esquerda e uma porta com uma varandinha que cabiam duas cadeiras de balanço à direita. Ali paradas, nervosas e sem saber o que fazer, chamamos algumas vezes “ô de casa” e nos apresentamos “é do postinho, avisaram que a gente vinha hoje”. Com o sol forte, não conseguia enxergar direito pela janela e também não queríamos ser invasivas logo no primeiro dia e arriscar dar um passo para frente. Ficamos ali. *Cocoricó!* De repente, ressoou nos nossos ouvidos um galo cantando alto e demos um pulo de susto, era um galinheiro pequeno demais para os animais que estava a dois passos atrás de nós duas. A espera aparentava ter sido maior,

hoje penso que deve ter durado de 2 a 3 minutos. Finalmente, alguém apareceu na porta, era uma moça que parecia estar lavando a louça ou fazendo alguma atividade doméstica rotineira, pois tinha as mãos molhadas e um pano de prato pendurado no ombro. Entramos. Logo depois chegaram as estudantes de fisioterapia. Elas eram três e somadas éramos cinco estudantes em um quarto que quase não cabiam os móveis. De algum modo nos acomodamos e iniciamos a conversa.

Apresentamo-nos a Socorro e a José que estavam no cômodo, a moça que nos tinha recebido voltou às suas atividades. Socorro estava sentada na cadeira de balanço com uma bengala na mão, e se manteve sentada quando entramos e durante todo o tempo que ficamos, não sorriu e nem demonstrou muito entusiasmo, na verdade parecia meio irritada. Reflito depois, que éramos cinco estudantes desconhecidas, cheias de perguntas, entrando em sua casa, na qual ela morava há décadas, indagando e opinando sobre seu modo de viver e sua saúde. Era algo para se irritar mesmo, concluo. José todo o tempo calado, sentado na ponta da cama de casal como quem se prepara para levantar, com os antebraços apoiados nas coxas e o tronco inclinado para frente, estava sem camisa e tinha a barba rala. No canto da cama tinha uma cadeira de plástico e em cima dela um prato com os biscoitos que sobraram da refeição matinal e um copo de suco já bebido.

Era a minha primeira vez entrando na casa de pessoas como uma estudante de terapia ocupacional. Chamaram-me atenção tantas coisas, detalhes, que antes passavam despercebidos, sem motivos, claro, para serem notados. Sentia o calor do quarto, observei a parede suja e com a tinta desbotada, o chão acidentado de cimento batido, o colchão da cama fino com o uso, os lençóis rasgados em algumas partes, o cheiro de urina do papagaio na frente da cama e que subia no quarto na medida em que o ventilador girava. A vista da janela para a rua, o pequeno galinheiro e o vão de entrada, onde estávamos a minutos antes. Notava a mania de Socorro de mexer e usar a sua bengala como extensão de si, e pensava se daria para passar uma cadeira de rodas pela porta (pensava se tinha uma cadeira de rodas para José e se não, será que ele gostaria de uma?) e observava a posição dos móveis na casa. Tudo isso me comunicou algo. Pensei no cuidado que podia ofertar em tão pouco tempo a essas pessoas e como poderia fazer isso.

José parecia meio atordoado, com o olhar baixo e desfocado, respondia às nossas perguntas com a voz fraca, parecia se esforçar muito para dizer de si. No último encontro entendemos um pouco mais sobre o porquê daquela garganta falhar. Era mais difícil ainda compreendê-lo com as interrupções de Socorro, que um tanto impaciente ironizava o tempo que estávamos “gastando” com ele. Logo nas primeiras perguntas, ainda no início quando tinham 5

estudantes no cômodo, Socorro fala sobre sua desconfiança com os atendimentos direcionados a José e faz uma afirmação que nos introduz à compreensão da visão de mundo daquela família, já nesse primeiro momento, ela diz: “homens deviam ficar com homens e mulheres com mulheres”. A primeira impressão nossa de Socorro caminha de acordo com o que encontramos no relatório e das conversas com a dupla de estudantes anteriores. Ficou mais evidente que para descobrirmos algo sobre a história de José era preciso nos aproximarmos de sua esposa. Como e se conseguiríamos fazer isso, estávamos prestes a descobrir.

Na casa tinha uma moça que nos recebeu e mais tarde um dos filhos do casal chegou. Conseguimos conversar com ele sobre algumas possíveis demandas nas atividades cotidianas relacionadas à higiene e banho de José, dentre outras. Sentia uma certa resistência, pensava que talvez os atos violentos de José tivessem construído uma barreira invisível e que se fazia presente quando nos direcionávamos a José com a intenção de cuidado, quando perguntávamos: e o banho como é feito? Que atividades ele faz no dia a dia? O que ele gosta de fazer? Como uma névoa, os atos de violência do passado, ainda presentes, impediam de certa forma o fácil acesso a essas informações, que pareciam essenciais para dar continuidade ao acompanhamento. O filho não nos deu muitos detalhes, penso que tinham sim várias questões para dar banho em José, por exemplo, mas ele não falou. Era presente também o fato de sermos duas meninas perguntando sobre o banho de um homem e como já nos tinha explicado Socorro, naquela casa tinha-se uma divisão de gênero e continua sendo assim também conosco. Não podíamos saber das dificuldades de José, de sua intimidade e suas necessidades, quase não conseguimos conversar com ele. No nosso grupo de estudantes não tinha um homem sequer para se aproximar dele.

Dando continuidade à conversa inicial, me sentia pressionada pelo volume da fala de Socorro e a dificuldade de escutar José, o calor do quarto e também o meu medo de que Socorro não gostasse da nossa presença ali. Permanecemos todo o tempo que tínhamos tentando de formas diferentes nos aproximar dela. Após a saída das outras estudantes de fisioterapia encontramos uma possível abertura, uma simples divisão improvisada, uma de nós mantinha uma conversa com Socorro e a outra continuava nas tentativas com seu esposo. Encontramos nesse momento a oportunidade de falar sobre as estagiárias do semestre anterior, dizer que mandaram lembranças, e isso mudou levemente a postura defensiva de Socorro. As interrupções da esposa, no entanto, continuaram dando-nos poucas oportunidades com José. De todo modo, acolhemos a estranheza dela diante do nosso interesse por José e por ela.

Naquele mesmo dia já começamos a pensar, refletir, relacionar, planejar os atendimentos a partir do que vimos, ouvimos e sentimos. E colhemos elementos para compreender aquela família, o modo como viviam, as características individuais e as dinâmicas da casa e de seus integrantes. Saímos, minha dupla e eu, frenéticas, pensando, elaborando, absorvendo a perspectiva que cada uma teve daquele encontro. Falávamos uma por cima da outra no trajeto de volta à UBS, nas ladeiras subíamos ofegantes, mas continuávamos a compartilhar. A descarga de adrenalina, a apreensão do primeiro encontro, os medos e as inseguranças eram sentidos à flor da pele naquele momento. Foi o nosso primeiro *fazer terapêutico-ocupacional*. No primeiro dia, queríamos entender os elementos da história de vida de José, as atividades que fazia atualmente, o tipo de trabalho que fez ao longo da vida, o que gostava e o que gostaria de fazer. Naquela simples divisão, com muitas interrupções de Socorro, a minha dupla captou algumas informações sobre ele: brincar de bola com o neto, criar pássaros em casa ao longo da sua vida, um trabalho de pintar carros e que gostava de olhar as crianças voltarem da escola pela janela do quarto. Com essas poucas informações, quase como palavras chaves de uma vida inteira, fomos pensando, na supervisão com a professora que propostas levaríamos para ele nos próximos encontros.

De Socorro sabíamos da sua história, da religião e não menos importante do bolo de macaxeira que ela gostava. Sabíamos também que seu aniversário se aproximava e fomos pensando nas estratégias de aproximação que podíamos tentar com ela.

Na semana seguinte, encontramos a filha que é a cuidadora dos pais, Ana. Buscamos conversar com ela, dizer que conhecíamos as duas estudantes que vieram no semestre anterior e que elas mandaram lembranças. Como uma onda forte na beira mar que te derruba na areia, despreparada, Ana me atingiu. Mas ensinou algo sobre vínculo terapêutico que eu não tinha sentido ainda. Foi com muita franqueza que ela falou do vínculo que se constrói e que se rompe, da dor que isso traz a ela, e disse: “Vocês vêm, a gente se apega e depois vocês vão embora”. Que pancada senti. Lembrei de como as estudantes anteriores relataram os caminhos de cuidado com Ana, breves e intensos. Percebo agora que para Ana também foi significativo, de tal forma que logo nos comunica. Sem saber muito o que dizer, entendi que era como ela se sentia, era uma das verdades. Ana falou baixinho das dificuldades de ser cuidadora dos pais, da solidão, das dores no corpo e na alma, da relação frágil e conturbada com a mãe, e da sua vontade de ir e não voltar mais.

Socorro tinha construído conosco uma relação em extensão com as duas últimas estudantes e nos comparava com as suas netas. No passar dos encontros começou a nos receber na cozinha, onde gostava de ficar, nos oferecia café e biscoitos. Neste outro dia, ela nos recebeu sentada

na mesma cadeira de balanço que no primeiro encontro estava no quarto, e que estava agora embaixo da janela e ao lado da mesa da cozinha no fundo da casa. A janela era grande, podíamos ver o quintal e o pé de caju do vizinho. Conversamos nesses encontros sobre suas vontades, desejos, o que gostaria de fazer, do que já tinha feito e que atividades poderíamos levar para ela. Retomamos diversas vezes seus interesses ao longo do acompanhamento, e como resposta para as nossas tentativas de achar uma solução para as suas queixas, ela repetia: “Eu já fiz muita coisa na vida. Quero fazer mais nada não”. Era um cansaço para além do físico, um cansaço que nós jovens não entendemos, pensei. E ela nos contava, entre um café e um biscoito, de suas mágoas e feridas abertas, o tema recorrente era seu esposo. Uma relação que desde sua construção é atravessada por episódios de violência, ciúmes e rupturas, todos muito bem recordados e vívidos, mesmo após tantos anos. Havia também em Socorro o cansaço de quem caminhou muito nessa vida, do trabalho doméstico e do cuidado com os filhos.

Depois de passar algum tempo com Socorro, perguntamos por José. Ele estava no quarto. Era o segundo dia e com as informações sobre a história dele, planejamos sugerir-lhe uma atividade, com as imagens impressas de pássaros com apenas o contorno, feita para colorir ou pintar. Não sabíamos se ele iria gostar, se acharia infantil e se iria conseguir realizar. Era um não-saber. Mas pelo que tínhamos escutado fazia sentido propor essa atividade, e assim, perguntamos se ele teria interesse, mas antes que ele respondesse com mais informações, Socorro chegou no quarto com um ar de quem procura erros. Aparentemente não encontrou e se sentou no cômodo, continuamos a conversa sobre pássaros, buscando saber mais sobre a relação de José com os animais. José costumava criar pássaros, respondeu a esposa, a vida inteira na casa tinha muitas gaiolas e citou os tipos de aves. José também trabalhou pintando carros e viajou muito. Com o agravamento das questões de saúde, ele deixou essas atividades e agora só tinha o pequeno galinheiro na frente da casa, que já não conseguia cuidar. Foi preciso outra vez acolher os comentários de Socorro “Pintar? Que coisa de criança” quando ela se depara com o nosso interesse em saber sobre a história de José.

Mediar a escuta entre os dois era exaustivo. Atentas, eu e minha dupla inventamos uma “dança improvisada” a cada encontro, procurando por brechas e detalhes que proporcionassem formas diferentes de nos aproximarmos de cada um.

No encontro seguinte, imprimimos desenhos de alguns pássaros que José tinha criado em gaiolas, levamos tinta, lápis de cor e hidrocor. José optou pelo último, justificando sua facilidade em colorir com o hidrocor. Ele recorda dos pássaros que já criou em casa através dos desenhos que estampamos, nos fala os seus nomes com um sorriso leve e opta pelo

papagaio. Ele escolheu as cores (azul e verde) e fez o contorno do desenho, utilizando a cor azul claro. José não demonstrava o que sentia, para mim ainda era uma incógnita se a atividade era de seu agrado. Talvez ele também não soubesse se gostou, entendendo esse movimento como uma abertura, um primeiro sinal de confiança em nós. Sentado no mesmo canto da cama, voltado para a porta do quarto, colocamos uma almofada na sua coxa e por cima a pasta de uma das estudantes, uma adaptação com os elementos que tínhamos para facilitar a atividade. Ele parecia concentrar-se, sem muita exigência na execução, fez o que pôde com o que tinha, nada muito rebuscado. Usou uma cor apenas e contornou uma vez só o pássaro. Ao terminar, perguntamos se ele gostou e ele fez sinal de positivo. Entre os comentários contínuos de Socorro que estava no cômodo durante toda a atividade, com uma postura questionadora a respeito do que acontecia. Depois José sugeriu uma forma melhor para ele fazer a pintura na próxima semana. Disse que por conta da baixa visão seria bom um desenho maior e algo que deixasse o desenho inclinado para ficar mais próximo dos olhos. Pensamos no caminho de volta à USF, entre a feira e a parada de ônibus, no pedido dele pelo plano inclinado.

Em um dos encontros, antes de entrar no quarto, notamos que na porta do quarto do José tinha escrito o seu apelido e tivemos a audácia de chamá-lo assim. Ele se surpreendeu, e sorrindo disse que gostava bastante do seu apelido. Parecia que desse momento em diante, ele nos olhava com curiosidade, procurando saber o que significava aquela atenção, as perguntas e a nossa curiosidade em saber mais sobre ele. Em pouco tempo me pareceu que ele, a seu modo, entendeu.

Aquele que acabou sendo o nosso último encontro com essa família (não sabíamos ainda que viria uma pandemia e seriam dois anos de distanciamento social) aconteceu na semana do aniversário de Socorro. Planejamos a compra do bolo de macaxeira no caminho a pé para a casa deles, em uma loja do bairro. Levamos a atividade adaptada como havia pedido José. Entramos pela cozinha, pois era o local que Socorro se sentava na cadeira de balanço embaixo da janela durante a manhã. Ela ficou feliz com o bolo e contou sobre as comemorações de seu aniversário com os netos e filhos. Fizemos uma tentativa de nos dividir, uma das estudantes foi para o quarto com José para levar bolo e começar a atividade, a outra continuava a escuta com Socorro.

José ficou surpreso e espantado quando mostramos que trouxemos o desenho maior e o plano inclinado, ele disse: “você trouxeram mesmo?”. Seus olhos e voz nos passavam sentimentos que não consigo descrever. Dessa vez ele sentiu que nós preparamos para ele aquele material e mudamos porque ele pediu. Era para ele. O modo como José reage à nossa atitude de apenas modificar como ele pediu pode ser entendido de diversas formas. Essa reação nos comunica

sobre ele. Nesse dia não pintamos, pois o desencadear do encontro foi outro, singular e profundo. José se iluminou com o que para ele foi uma surpresa e nos contou o que precisava contar. E nós escutamos.

Nesse dia, pela primeira vez ele aparentava ter sido cuidado, tinha o cabelo cortado, barba feita e o corpo frio de quem acabou de tomar banho. Primeiro, ele esteve com apenas uma de nós, minha colega, e nesse tempo eu continuei com Socorro, que estava tranquila na cozinha e que depois ficou por lá mesmo, quando as duas estavam juntas com José. Dessa vez e somente dessa vez, ela não foi ao cômodo do companheiro. E ali naqueles poucos minutos escutamos José, sentado na ponta da cama como quem está prestes a se levantar, mas não levanta, era a mesma posição do primeiro dia. Eu que na divisão fiquei na cozinha com Socorro, quando entrei no quarto encontro uma mudança apesar da aparente repetição de posições. Fiquei surpresa, pois os dois sorriram. José se esforçava para lembrar nossos nomes e compartilhava com a estudante sobre suas viagens, fala de seu interesse em utilizar cadeira de rodas, pois gosta de passear e olhar a rua. Disse que passam muitos estudantes voltando para casa depois da escola e que inclusive sua neta, que passa e pede a sua benção pela janela. E com um tom de denúncia em sua voz, aponta para si e diz: “isso aqui é uma cadeia”.

Nós duas nos agachamos na frente dele para olhar em seus olhos lacrimejantes e escutá-lo. E ele conta, assim, com suavidade e sinceridade, mantendo a voz baixa e falha para que ninguém mais escutasse: confessa os atos de violência, as falhas, fala da sua pequenez, conta dos seus avessos, daquilo que ele quer escondido e guardado, aquilo que não se toca, que não tem jeito. Aponta para a sua garganta e movimenta o braço para cima, indicando na direção da cabeça e diz que só há angústia nesse lugar, buscando no palpável uma forma de explicar os seus arrependimentos. E conclui, expressando sua confiança em nós, dizendo: “nós três somos um”.

Lembro de sair atordoada desse encontro. Socorro continuou na cozinha, nos agradeceu por virmos à sua casa, que tínhamos trazido vitórias para ela e seu companheiro. No turno da tarde tínhamos supervisão e por isso, eu costumava almoçar perto do bloco de terapia ocupacional da universidade. Senti depois daquele encontro com a família uma grande vontade de escrever, entender, assimilar aquelas informações que me pareciam muitas. Costumo escrever, descansar os pensamentos em uma folha de papel ou no bloco de notas do celular. Então, em poucos minutos escrevi uma poesia sobre aquele dia, sobre aquela experiência no território, sobre aquela família, sobre mim.

Dançantes Rotinas

Como já bem dizia minha irmã
“viver é dançar de acordo com o caos”
Eu que por muitas vezes pensei em mandar nessa vida
quando ele se tornou caos não consegui
A vida é bicho solto
e disso eu bem sei hoje.

Nessas andanças que fazemos debaixo
do sol matinal já vemos
no passar dos carros,
motos,
pessoas,
animais.
Parece uma dança.
Ordenados em fileiras,
sincronizados com o ritmo do cotidiano
de quem há séculos repete os mesmos passos
Passos estes sofridos e contraditórios
das vidas dinâmicas
harmônicas
dançantes rotinas.

E é quando nossos movimentos se espelham
que vem o grande espanto
Um segredo bem guardado dentro do peito
Revelado
Contado baixinho para que não atravessasse as paredes
Dito para três, contado para um
Dito como algo pesado que se coloca em uma mesa
para deixar o coração leve.

Ato de trazer as angústias à tona

Coragem de confiar
passadas
vivas
presentes dores.

Mantidas no abandono caótico dos erros cometidos
das escolhas desritmadas
das esperanças apáticas.

Mas a dança da vida acontece independente da música e conforme o caos.

Na semana seguinte minha cidade estava com o decreto de isolamento social e as aulas foram suspensas, o ano era 2020. Para mim parece que, sem saber desse acontecimento naquele que veio a ser nosso último encontro com José, Socorro e Ana, conseguimos fazer um fechamento do acompanhamento. Mas também me parece o início, ecoa em mim pensamentos sobre o que aconteceria se ainda tivéssemos as outras semanas, que outras possibilidades seriam abertas e que desdobramentos teríamos experimentado com eles.

No processo de escrita desta narrativa livre, volto para esses acontecimentos como quem relê ou folheia o seu livro favorito, mantendo-o na cabeceira da memória. E ao reler percebe novas configurações, novas interpretações e novos aprendizados. Pude compreender novas perspectivas, por exemplo, aos sentidos dados por José ao dizer que gostava de ver da janela as crianças que passavam na rua voltando para casa, como a recordação de um período alegre de sua vida, uma referência de despreocupação, uma fuga breve da angústia que José nos conta. Enquanto escrevia esse texto, percebi-me observando as crianças no horário de saída da escola através da janela do ônibus, e talvez sentindo também o conforto mencionado por José.

Questiono-me, ainda, o que o impedia de olhar mais a janela? Penso nas gaiolas de seus pássaros, no galinheiro pequeno demais para os animais. Seria o seu cotidiano aprisionado? Que não o permite nem da janela querer se aproximar? Mas é passível de abertura, de passagem, nos movimentos de José durante os encontros, pelas beiradas, nos revela a abertura que ele se permitiu ter conosco, nos confiar suas angústias. E assim, talvez, desatar o nó da garganta e atar conosco um “nós”.

5 DISCUSSÃO

“Somos passarinhos,
soltos a voar,
dispostos
a achar um ninho.
Nem que seja no
peito um do outro.”

Emicida – Passarinhos

5.1 Cena 1 - Dar poesia à cena

O trajeto para a casa de José, Socorro e Ana, minha dupla e eu o fazíamos andando desde a Unidade de Saúde da Família. Aproveitamos esse momento para conversar, dizer dos nossos medos, inseguranças, costumávamos elogiar uma à outra como quem admira uma obra de arte em construção. Fazíamos observações ao longo da caminhada sobre a dinâmica do comércio, das relações entre vizinhos, os tipos de cuidado com os animais e a relação com o lixo. Era um percurso curto, mas que se alongava para sentirmos a experiência. Passávamos por avenidas, comércios, feira livre, escola e algumas residências.

Era a minha primeira vez entrando na casa de pessoas como uma estudante de terapia ocupacional. Chamaram-me atenção tantas coisas, detalhes, que antes passavam despercebidos, sem motivos, claro, para serem notados. Sentia o calor do quarto, observei a parede suja e com a tinta desbotada, o chão acidentado de cimento batido, o colchão da cama fino com o uso, os lençóis rasgados em algumas partes, o cheiro de urina do papagaio na frente da cama e que subia no quarto na medida em que o ventilador girava. A vista da janela para a rua, o pequeno galinheiro e o vão de entrada, onde estávamos a minutos antes. Notava a mania de Socorro de mexer e usar a sua bengala como extensão de si, e se daria para passar uma cadeira de rodas pela porta (pensava se tinha uma cadeira de rodas para José e se não, será que ele gostaria de uma?) e observava a posição dos móveis na casa. Tudo isso me comunicou algo. Pensei no cuidado que podia ofertar em tão pouco tempo a essas pessoas e como poderia fazer isso.

Há aqui um destaque para a maneira particular de *olhar* o que encontro nessa minha primeira prática e que delinheio em cada uma das cenas, o que a partir de agora nomearei como sendo a minha *leitura* dessas situações e acontecimentos. Esse modo como leio, percebo e

apreendo o primeiro encontro com a casa e as pessoas, que “*antes passavam despercebidos*” é o início de um trajeto de formação que revela em seus primeiros passos o seu tom. É a construção de um raciocínio próprio para o cotidiano, para o modo como as pessoas vivem, fazem e se percebem em ação. Minhas percepções são os elementos que me ajudam a compreender a morada daquelas pessoas, o morar (habitar) naquele espaço e o desenrolar da vida dessas pessoas.

Na cena 1, apresento o cenário que envolve o território, a minha relação com a minha colega com quem fazia dupla e a entrada na casa com os moradores, trazendo, assim, uma primeira *leitura* do meu encontro com a família. Esses elementos são também pistas para o cuidado a ser instituído com base no vínculo que estabelecerei com José, Socorro e Ana e que se direciona pela compreensão que fizemos de como essa família realiza sua vida cotidiana e como enfrenta seus desafios na produção de sua existência.

Outro aspecto apresentado na cena 1 é a possibilidade de estar no território, caminhar pelo bairro, observar as dinâmicas, podemos compreender mais a família e levantar reflexões sobre: de que modo interagem com os equipamentos e instituições (saúde, assistência social, centros religiosos) e também, como transitam entre os espaços e suas redes de apoio (comércio, vizinhos, parentes) já existentes e as possíveis de serem feitas.

Assim, podemos avaliar se há impedimentos, dificuldades, empecilhos físicos ou não. Se essas pessoas se sentem pertencentes a este lugar, que significações estabelecem com o viver naquele ambiente e as memórias construídas ao longo dos anos. Os possíveis atravessamentos do racismo, sexismo, machismo, pobreza, do estereótipo em torno do bairro e das relações dentro dele, o arranjo das ruas e os acessos (ladeiras, calçadas, transporte público e as distâncias), bem como, a estrutura da própria casa. E concomitante, há a complexidade da vida que segue, a conformação dos membros da família e de suas funções na casa; como a nossa percepção, durante os encontros, se relacionam com isso e os impactos no cotidiano da família, as várias barreiras palpáveis, físicas e as veladas que atravessam a história dessas pessoas, e que transitam entre o micro e o macrossocial.

Nesse sentido, se imaginarmos uma lupa direcionada para o cotidiano das pessoas, ao considerar a função dessa ferramenta de nos aproximar daquilo que observamos, e portanto, revelar mais detalhes à percepção, posso perceber elementos e ligações entre os acontecimentos. Essa *leitura* minuciosa e sensível da realidade, por sua vez, pode nos sugerir um entendimento das entrelinhas, evidenciando algumas vezes aspectos não diretamente explicitados - subjetivos e intersubjetivos -, as possíveis significações atribuídas pelas pessoas ao seu viver e às dinâmicas relacionais presentes.

No movimento de entrada na casa e no primeiro encontro com a família, descrevo na cena 1 as sensações inscritas no meu corpo do que está visível “*a parede suja e com a tinta desbotada*”, o calor do quarto, os cheiros, o uso dos objetos do dia a dia. E não apenas descrevo o meu campo de observação, refiro-me também ao entorno e aos diferentes ângulos e perspectivas possivelmente observadas pelas outras pessoas. Identificar o campo de percepção do outro, o que sua visão alcança, permite-me estudar as possíveis ações que as pessoas, partindo de onde estão, possam realizar. Como “*a vista da janela para a rua*” e o circular pela casa, que me fazem questionar: será que José vai até a janela para olhar a rua? Será que pode circular na casa e de que forma faz isso? Tais primeiras impressões do meu encontro com aquelas pessoas no ambiente habitado por elas apresenta uma riqueza de informações, evidenciam as entrelinhas da vida cotidiana, geram dúvidas e me fazem levantar hipóteses sobre o encontro. Não se trata, portanto, de julgamentos, mas de um exercício de compreensão das possibilidades de ação, escolhas e modos de vida daquela família.

Ao pensar o cotidiano, encontrei em Maximino e Tedesco uma reflexão sobre os conceitos de rotina e hábitos que são “construídos na história das pessoas, compondo ao mesmo tempo, sujeitos e modos de vida bastantes variados” (MAXIMINO e TEDESCO, 2017, p.135). E ainda sobre o conceito de cotidiano, que as autoras descrevem como sendo a construção de uma relação singular do sujeito com a própria rotina, hábitos, fazeres e com acontecimentos de sua vida (MAXIMINO e TEDESCO, 2017). Extraí desses conceitos o entendimento de que a rotina, os hábitos e o cotidiano nos comunicam quem somos e, baseando-nos em Jorge (1990), a interpretação de que toda ação humana é simbólica e mostra a intencionalidade de quem a realiza. Posto isto, considere que o terapeuta ocupacional em sua *leitura* da realidade da vida, cotidianos, hábitos e rotinas das pessoas que acompanha pode observar e compreender os rastros, as pistas e as conexões do fazer/agir das pessoas, e que essas podem possibilitar aos sujeitos acompanhados um campo para o resgate da consciência de si mesmos e para o reconhecimento do próprio modo de lidar com a vida.

5.2 Cena 2 - Chance

O que se sabia de José era que se tratava de um homem agressivo, se sabia de histórias violentas, e só. Logo me perguntei: e as outras histórias dessa vida?

Sua esposa dizia que a situação de saúde do marido, uma perna amputada e a outra comprometida pela diabetes, era o preço pago por ele por seus inúmeros pecados.

Tinha uma névoa em uma parte de sua história, via-se apenas o homem que violentou e que podia violentar, nada mais.

Sentia uma certa resistência, pensava que talvez os atos violentos de José tivessem construído uma barreira invisível e que se fazia presente quando nos direcionávamos a José com a intenção de cuidado, quando perguntávamos: e o banho como é feito? Que atividades ele faz no dia a dia? O que ele gosta de fazer? Como uma névoa, os atos de violência do passado, ainda presentes, impediam de certa forma o fácil acesso a essas informações, que pareciam essenciais para dar continuidade ao acompanhamento.

José parecia meio atordoado, com o olhar baixo e desfocado, respondia às nossas perguntas com a voz fraca, parecia se esforçar muito para dizer de si. No último encontro entendemos um pouco mais sobre o porquê daquela garganta falhar. Era mais difícil ainda compreendê-lo com as interrupções de Socorro, que um tanto impaciente ironizava o tempo que estávamos “gastando” com ele. Logo nas primeiras perguntas, ainda no início quando tinham 5 estudantes no cômodo, Socorro fala sobre sua desconfiança com os atendimentos direcionados a José e faz uma afirmação que nos introduz à compreensão da visão de mundo daquela família, já nesse primeiro momento, ela diz: “homens deviam ficar com homens e mulheres com mulheres”. A primeira impressão nossa de Socorro caminha de acordo com o que encontramos no relatório e das conversas com a dupla de estudantes anteriores. Ficou mais evidente que para descobrirmos algo sobre a história de José era preciso nos aproximarmos de sua esposa.

Minha colega e eu tínhamos nos preparado para entrar na casa desta família, sabíamos as informações básicas para ofertar o cuidado em terapia ocupacional, estudamos os relatórios e conversamos com as estagiárias anteriores pioneiras nessa família. Demos continuidade ao cuidado com Socorro e Ana, porém, estávamos também interessadas em José e no silêncio que ele demonstrava no primeiro encontro. Nossa hipótese era de que esse silêncio dele dizia algo sobre aquela família e poderia significar que ali havia uma necessidade de cuidado. Para isso, fomos compreendendo as dinâmicas das relações existentes e, nesse movimento de chegada, percebemos as repercussões que os atos de violência cometidos por José possivelmente deixaram nessa família, e que se manifestavam no silêncio dele e nos dizeres

de sua esposa sobre ele e sobre nossa presença direcionada ao cuidado dele, descritos na cena 2.

Procurávamos entender que a forma como as pessoas compreendem o mundo é atravessada por uma visão cultural e subjetiva, de tal modo que “aquilo que pensamos do mundo e o modo como o entendemos afeta o modo como o vemos e o que vemos” (LIMA, 2004, p.43). Nesse sentido, as falas de Socorro que trago na cena 2, a nossa percepção das ações e reações dos membros da casa “*nos introduz à compreensão da visão de mundo daquela família*”, que é possivelmente atravessada pelo machismo, racismo, pobreza e pelas próprias crenças construídas por eles no decorrer dos anos a respeito da vida e daquilo que lhes acontece.

Formulamos hipóteses que vamos investigando a cada encontro, como por exemplo, de que há um sentimento de ciúmes por parte de Socorro ao perceber a aproximação de estudantes do sexo feminino do seu esposo. Ao longo do acompanhamento tentamos mediar e construir uma relação de confiança com ela, a qual será abordada mais adiante nesse estudo. Notamos também o lugar de José na família, que Socorro demarca já no primeiro momento quando diz que as condições de saúde de José são o “*pagamento dos pecados*” dele, como se aquela fosse a única forma possível dele viver os seus dias: restrito ao leito, preso a algum lugar. Percebemos a estranheza dos demais integrantes da família no que diz respeito à nossa aproximação oferecendo um cuidado direcionado a ele. Esses elementos nos fazem refletir sobre como iríamos estabelecer um vínculo terapêutico com essa família, e em especial com José, para que o cuidado fosse possível.

Perguntávamo-nos como era o cuidado da família com José para adicionarmos mais elementos à nossa compreensão daquelas pessoas: como era feito o deslocamento dele pela casa? Como era feito o banho e demais necessidades de higiene? Eram com a frequência desejada por ele? Quem era responsável por cuidar de José? De que modo era feito esse cuidado? São perguntas que exemplificam um processo de avaliação inicial e que em outro contexto familiar poderiam ser facilmente respondidas e acessadas. Porém, nessa família, o simples fato de acessar essas informações pareceu-nos, a princípio, um desafio. Entendemos que, ao termos que levar em consideração as histórias de vida, as crenças, a cultura, os comportamentos e atitudes destas pessoas para desenvolvermos o cuidado terapêutico-ocupacional (BREGALDA, 2019) teríamos adiante que fazermos um movimento dinâmico de conexão de diferentes informações, como num encaixe de peças de um quebra-cabeça, que a cada acompanhamento se formaria e se deformaria, se constituiria e se desconstituiria em determinadas partes.

Tudo isso se tornava perceptível na forma como a família enxergava José e, talvez, também no modo como ele mesmo se via, como alguém “*que podia violentar*”. Bem como, nas relações de cuidado estabelecidas, o estranhamento do nosso movimento de cuidado em sua direção, o desinteresse pela sua voz, que “*se esforçava muito para dizer de si*”. Nos encontros, a forma com que a família lidava com José e interpretava os seus atos violentos foi percebida por nós como *uma* das possibilidades de se entender aquela atitude dele, e minha colega e eu buscamos as outras, outras explicações possíveis de coexistirem. Não entendíamos a violência como definidora de quem aquele sujeito era ali naquele instante de sua vida. Buscávamos extrapolar, olhar além do ato violento e para além da determinação limitante das relações familiares que a violência parecia delinear naquela casa, ampliando a nossa *leitura* e acolhendo aquelas pessoas.

Na narrativa livre que explicita e sistematiza o raciocínio profissional que desenvolvi sobre o movimento que fizemos para formar um vínculo com essa família, objeto de reflexão deste estudo, a palavra *névoa* foi utilizada para nomear aquilo que nos impossibilitou, na primeira impressão, de nos aproximarmos para perceber caminhos de cuidado com José. Mas, também transmite o nosso empenho em enxergar para além ou através dela, como uma tentativa de recompô-la, despistá-la, ou seja, dar outros sentidos aos atos e para abrir espaço em nós mesmas para o acompanhamento - espaço para a manifestação e constituição da nossa disponibilidade afetiva para a vinculação e o cuidado (JORGE, 1989), conforme discutiremos mais adiante. Nesta casa, nossa hipótese era que os atos de José possivelmente decretaram uma sentença para ele, e as ações de violência que, mesmo tendo algumas delas acontecido décadas atrás, pareciam ainda presentes nas conversas com a família, como uma ferida viva, recente e aberta. Tudo isso nos chamava para a reflexão quanto aos desafios que as realidades nos apresentam e que influenciam nas escolhas e caminhos para a formação de vínculos terapêuticos.

Acompanhar essa família exigiu de nós um movimento de ultrapassar a compreensão acerca da violência doméstica, percorrer uma estrada diferente do óbvio e nos aprofundar no sofrimento que se evidencia no cotidiano da família. Para isso, é necessário do terapeuta uma disponibilidade afetiva, como afirma Rui Chamone Jorge (1989) ao discutir a relação terapeuta-paciente. É estar disponível à experiência com o outro, sensível às afetações e transformações que poderão se dar, e nessa situação específica, fazer isso mesmo quando nos deparamos com uma pessoa com um histórico de ser o autor de uma violência. Isso pode colocar em evidência as nossas limitações diante do desafio de nos relacionarmos com quem fez o que se repudia - o ato violento contra outro ser humano.

Esses são aspectos que trazem para o debate uma outra discussão sobre a relação terapeuta-paciente que Jorge (1989) faz, quanto à participação do terapeuta nessa relação - denominada contratransferência - e a da pessoa que é acompanhada - denominada transferência -, e que são fenômenos comuns e naturais às relações humanas. A primeira, refere-se aos sentimentos do próprio terapeuta desencadeados pelo encontro com uma outra pessoa e que podem, de alguma forma, direcionar o cuidado. É necessária atenção por parte do terapeuta à sua contratransferência para identificar os seus próprios sentimentos, de modo a evitar que interfiram nas escolhas das intervenções terapêuticas-ocupacionais a serem adotadas na condução das situações. Por isso, importa para a qualidade do cuidado ofertado que o terapeuta esteja em supervisão, em grupos para dialogar sobre suas intervenções e dificuldades pessoais em manejar as situações e/ou tenha acompanhamento profissional. Afinal, o que deve direcionar o cuidado são as necessidades, demandas, interesses e objetivos das pessoas que são acompanhadas.

Já a segunda forma de participação discutida pelo autor, denominada transferência, se refere às pessoas que acompanhamos. Jorge (1989) explica que esse fenômeno é o movimento do paciente de reviver na relação terapeuta-paciente um sentimento e/ou o significado atribuído a uma situação em um outro contexto, isto é, uma re-experiência de relações ou acontecimentos, como irei discutir mais amplamente na próxima cena.

Nessa minha experiência de acompanhamento, o exercício que fizemos desde a escolha e divisão das famílias caminhou para compreendermos a nossa disponibilidade afetiva em lidar com as questões que estavam em evidência nessa família, em especial a violência doméstica. Há, portanto, uma situação de contratransferência em potencial e identificar isso nas supervisões nos direcionou para um raciocínio profissional que desenvolverei ainda mais nas discussões deste estudo.

Colocarmo-nos diante de uma situação de acompanhamento de uma pessoa que cometeu atos de violência, nos convocou à possibilidade de ressignificarmos enquanto terapeutas em formação esse ato do outro, mesmo sem concordar com sua manifestação. Além disso, nos exigiu a habilidade de dimensionar a disponibilidade do outro para se relacionar conosco, para viver o que a nossa presença alterava e/ou impactava nesse sujeito e no seu cotidiano, a partir do convite que lhe fizemos para realizar sua vida de um modo que lhe fizesse mais sentido e que lhe trouxesse mais oportunidades de ser ativo em sua vida e assim, viver com mais felicidade.

Durante os acompanhamentos, foi necessário, portanto, refletirmos sobre: O que as situações atuais da vida das pessoas nos contam das suas histórias? Esse questionamento

evoca as nossas tentativas de compreender, na nossa primeira experiência, quando nos depararmos com a complexidade do viver. Bertold Brecht, autor que durante as supervisões vez ou outra nossa professora lia, escreve em seu poema e me faz refletir sobre essa complexidade: *“Do rio que tudo arrasta, se diz que é violento. Ninguém diz violentas às margens que o cerceiam”*. A experiência com José, nos provocou a estudar e a elaborar um modo de pensar/agir, que mesmo diante daquilo que era um desafio a intenção de prestar o cuidado terapêutico ocupacional prevalecesse. Na elaboração supervisionada do nosso raciocínio, pensávamos, objetivávamos e pretendíamos, inicialmente, convidar José para a construção de uma relação de cuidado conosco.

5.3 Cena 3 - Emparelhar

No primeiro dia, queríamos entender os elementos da história de vida de José, as atividades que fazia atualmente, o tipo de trabalho que fez ao longo da vida, o que gostava e o que gostaria de fazer. Naquela simples divisão, com muitas interrupções de Socorro, a minha dupla captou algumas informações sobre ele: brincar de bola com o neto, criar pássaros em casa ao longo da sua vida, um trabalho de pintar carros e que gostava de olhar as crianças voltarem da escola pela janela do quarto. Com essas poucas informações, quase como palavras chaves de uma vida inteira, fomos pensando, na supervisão com a professora que propostas levaríamos para ele nos próximos encontros.

Na semana seguinte, encontramos a filha que é a cuidadora dos pais, Ana. Buscamos conversar com ela, dizer que conhecíamos as duas estudantes que vieram no semestre anterior e que elas mandaram lembranças. Como uma onda forte na beira mar que te derruba na areia, despreparada, Ana me atingiu. Mas ensinou algo sobre vínculo terapêutico que eu não tinha sentido ainda. Foi com muita franqueza que ela falou do vínculo que se constrói e que se rompe, da dor que isso traz a ela, e disse: “Vocês vêm, a gente se apega e depois vocês vão embora”. Que pancada senti. Lembrei de como as estudantes anteriores relataram os caminhos de cuidado com Ana, breves e intensos. Percebo agora que para Ana também foi significativo, de tal forma que logo nos comunica. Sem saber muito o que dizer, entendi que era como ela se sentia, era uma das verdades. Ana falou baixinho das dificuldades de ser cuidadora dos pais, da solidão, das dores no corpo e

na alma, da relação frágil e conturbada com a mãe, e da sua vontade de ir e não voltar mais.

Socorro tinha construído conosco uma relação em extensão com as duas últimas estudantes e nos comparava com as suas netas. No passar dos encontros começou a nos receber na cozinha, onde gostava de ficar, nos oferecia café e biscoitos. Neste outro dia, ela nos recebeu sentada na mesma cadeira de balanço que no primeiro encontro estava no quarto, e que estava agora embaixo da janela e ao lado da mesa da cozinha no fundo da casa. A janela era grande, podíamos ver o quintal e o pé de caju do vizinho. Conversamos nesses encontros sobre suas vontades, desejos, o que gostaria de fazer, do que já tinha feito e que atividades poderíamos levar para ela.

Acolher. Aproximar. Convidar. Testar. Apostar. Prever. Arriscar. Investir. Explorar. Refletir. O vínculo que se constrói no caminhar de cada encontro, no vai e vem das relações, no modo de fazer do terapeuta ocupacional; a *leitura* dos acontecimentos e a apreensão dos sentidos que as pessoas atribuem ao modo como vivem e se relacionam é o que nos dá subsídios para nos prepararmos para o cuidado. Ao mesmo tempo, nos fornecem pistas para uma possível antecipação do imprevisível, esse elemento inerente aos encontros entre as pessoas. O processo de vinculação não é uma etapa a ser cumprida para dar início à terapia ocupacional; é, de fato, parte indissociável e imprescindível do nosso raciocínio e atuação. Configura-se como um processo de construção constante de uma relação de cuidado com as pessoas que acompanhamos, que assume formatos diferentes para cada sujeito. É inclusive um modo de vincular-se que se distingue de outras profissões, que é carregado dessa *leitura* que fazemos das realizações do outro em determinados contextos e situações e que está baseada na formação específica do terapeuta ocupacional.

Nos trechos da cena 3 encontramos características interessantes sobre a minha experiência vincular com esta família, de um vínculo que se inicia, outro que é rompido, e ainda, a herança e a continuidade de uma relação anterior que se manifesta e nos envolve de algum modo nessa história vivida. A comunicação com as estudantes anteriores nos auxiliou na compreensão do funcionamento da família, nos oferecendo pistas para iniciarmos, darmos continuidade, bem como, para expandirmos o cuidado. Procuramos, no curto tempo que tivemos, ofertar cuidado à família, entendendo que se direcionar em alguns momentos para a um dos membros, como para José, não significou a desconsideração dos demais membros,

pois o raciocínio continuou sendo as demandas de cuidado do grupo familiar. Assim, nos mantivemos atentas às dinâmicas relacionais presentes, percebendo novos elementos que complementaríamos e que direcionariam as nossas escolhas e atitudes durante os encontros.

A compreensão da dimensão subjetiva e relacional nesta família nos permitiu pela aproximação que dela fizemos perceber as relações e conexões das histórias entre os familiares, identificando como a dinâmica familiar se sustentava e como podia ser percebida/sentida por cada um. Ter uma família como foco do cuidado, como prevê os atendimentos na Atenção Básica, exigia de nós uma habilidade para mediar as relações e os conflitos que se apresentavam a cada interação. Havia um movimento nosso de aprender e refletir com a prática, observar, avaliar, interpretar, intervir, mediar, questionar e propor quando necessário e autorizado pelas pessoas. E a partir daí, refletimos: sobre o lugar onde José ficava e como se apresentava para nós; como Socorro se referia a ele e à sua “verdade” sobre os homens e as mulheres; e como Ana se referia ao seu papel de filha e cuidadora. Tais elementos retratavam a dinâmica relacional da família e a importância do trabalho voltado para a construção de um vínculo com Socorro, José e Ana.

Nos encontros e no processo de construção desse estudo fica em evidência o que Jorge (1989) discorre sobre a capacidade do terapeuta de comunicar de forma não verbal o seu interesse e disponibilidade pelo outro, o modo de agir e o fazer do terapeuta ao ouvir o outro com atenção e de maneira silenciosa, chamar-lhe pelo nome, colocar-se de prontidão e olhar o outro frente a frente.

Castro (2005) também destaca na relação terapêutica “a observação atenta, a experiência do olhar, o olhar no rosto, o olhar nos olhos, o contato, a escuta” (CASTRO, 2005, p.17). São gestos e modos de agir do terapeuta ocupacional que ditam e complementam a qualidade das relações de acolhimento e de cuidado, pautados na empatia, honestidade, integridade, compaixão, respeito, confidencialidade e transparência do terapeuta ocupacional (BREGALDA, 2019). Tais gestos permitem a construção de relações horizontais, críticas e políticas, que considerem a potência dos encontros interpessoais (BREGALDA, 2019). Essas eram as competências relacionais - conhecimentos, atitudes e habilidades - que estavam se desenvolvendo em nós por meio dessa experiência prática, um saber da experiência (LARROSA, 2021) que sedimentava um raciocínio profissional que exercitávamos sobre o vínculo terapêutico, como um processo central e constitutivo do cuidado em Terapia Ocupacional.

Nos encontros com José, o nosso movimento de interesse parecia gritar para a família a possibilidade de ele existir como ser humano, apesar das intercorrências e atravessamentos

de sua vida. Pensávamos: quem está diante de nós? Há o desejo de receber o cuidado terapêutico ocupacional? Por onde começamos? Faz sentido para ele aquilo que estamos propondo? Nossa compreensão se ampliava a cada encontro com José, na medida em que percebíamos as suas respostas e ainda, pelo nosso movimento de convidar, testar, apostar, arriscar, investir e explorar as possibilidades de fazer vínculo com ele e percebê-lo em sua subjetividade.

Nessa busca de compreender quem era aquele homem e quais eram suas necessidades, utilizamos elementos e conteúdos disponíveis do ambiente da casa (o galinheiro e um adesivo na porta do quarto com o seu apelido), das relações com a família (esposa, filhos e netos) e da comunidade (a escola, o comércio e a UFS) para construir as primeiras conexões com José. Nossa pretensão era começarmos a construir com ele uma relação de cuidado para avaliarmos juntos quais eram suas necessidades e pensarmos quais objetivos aquele cuidado poderia ter, a partir daquilo que faria sentido para ele.

Assim, adicionamos forma ao nosso vínculo com José, a partir de “*palavras chaves de uma vida inteira*”, procuramos caminhos possíveis para construir uma relação de confiança e de empatia, criamos uma atmosfera de calor, como conceitua Jorge (1989), ao se referir à função do terapeuta de criar um ambiente propício ao vínculo e à confidencialidade. José atribuiu significado a nossa presença: diante da nossa proposta de atividade nos olha de volta, nos percebe, nos faz perguntas, faz brincadeiras e assim, aos poucos, nos permite entrada, não apenas no seu quarto, mas nas suas significações. Castro (2005) nomeia de “porta aberta” esse movimento de abertura ao relacionamento com o outro, que podemos aqui, no caso de José, chamar de *janela aberta*. Sendo esses elementos parte do nosso raciocínio terapêutico ocupacional, pensávamos: quais os significados que ele atribui à sua história e ao seu cotidiano? O que importa para ele?

Ana, a filha do casal, nos relatou sua experiência de vinculação junto às estudantes do semestre anterior e nos apresentou a responsabilidade e a delicadeza que precisamos ter no encontro com as pessoas que acompanhamos, pois recebemos como herança as relações de cuidado anteriores. Esse é um fenômeno já supracitado, chamado de transferência e alvo das reflexões de Jorge (1989). Ana nos falou com franqueza daquilo que sentia e transferiu o seu sentimento de abandono pelas estudantes-terapeutas anteriores para a nossa relação. Nessa minha primeira experiência prática me surpreendi com esse movimento dela de nos responsabilizar e senti a força e o significado dessa vinculação, conforme escrevi na narrativa, “*como uma onda forte na beira mar que te derruba na areia, despreparada*”.

Ana nos atenta para o processo semestral de mudança de terapeuta ocupacional - que na verdade se referia à transição dos estudantes em formação - que as pessoas atendidas por universitários passam, e que ocasiona a ruptura do vínculo e descontinuidade das relações de cuidado. Cada sujeito que acompanhamos pode atribuir diferentes significados para esse rompimento, por mais que compreendam e que sejam informados durante o contrato terapêutico quanto ao tempo e prazos previstos para que esse acompanhamento aconteça. É possível que se sintam abandonados, trocados, deixados de lado ou, então, satisfeitos e gratos. É sobre essa significação que Ana nos comunica, dizendo *“a gente se apega e depois vocês vão embora”*. E nós, estudantes e profissionais, não estamos imunes a esses mesmos sentimentos e significações inerentes ao processo de vincular-se ao outro, de tal forma que retomo essa experiência como tema para escrever o presente estudo.

Socorro também nos faz refletir sobre a transferência, porém no caso dela esse mecanismo se manifesta pela continuidade do cuidado iniciado com as estudantes anteriores, principalmente por ela ter sido o foco do cuidado naquela ocasião e por ter sido acolhida pelas estudantes nas suas angústias e histórias. Mas, inicialmente, Socorro apresentou hostilidade com a nossa presença na casa e pelas perguntas direcionadas ao seu marido, sendo necessário um movimento nosso de compreensão das suas necessidades. Considerando isso, fizemos um raciocínio para a formação de vínculo com Socorro com base no acolhimento, confiança e continuidade do cuidado, desbravando os caminhos para as demandas e a possibilidade de nos aproximarmos também de José.

O nosso investimento de acolher, aproximar, convidar, testar, apostar e prever situações pode ter desencadeado ao longo dos encontros uma receptividade por parte de Socorro, que nos pareceu reagir favoravelmente às nossas tentativas de vinculação, de abrir espaço para nossa relação, para ser cuidada e para, de certo modo, “permitir” que seu companheiro fosse cuidado. Ela também nos olhou, nos deu apelidos, buscou referências de afeto em sua vida e nos comparou a elas, o que nos comunicava a sua disponibilidade em se vincular conosco.

Notamos que Ana e Socorro atribuíam um significado inicial para a nossa presença e também ao nosso fazer a partir das experiências de vida e de cuidado que já tinham experimentado. Porém, com José parecia não existir uma referência de cuidado semelhante à que sua esposa e filha construíram com as estudantes anteriores. Houve, portanto, uma diferença na nossa abordagem inicial e na relação que construímos com cada uma das pessoas dessa família, abrindo espaço para todos os familiares na relação de cuidado que criamos.

5.4 Cena 4 - Fazer a si

No encontro seguinte, imprimimos desenhos de alguns pássaros que José tinha criado em gaiolas, levamos tinta, lápis de cor e hidrocor. José optou pelo último, justificando sua facilidade em colorir com o hidrocor. Ele recorda dos pássaros que já criou em casa através dos desenhos que estampamos, nos fala os seus nomes com um sorriso leve e opta pelo papagaio. Ele escolheu as cores (azul e verde) e fez o contorno do desenho, utilizando a cor azul claro. José não demonstrava o que sentia, para mim ainda era uma incógnita se a atividade era de seu agrado. Talvez ele também não soubesse se gostou, entendendo esse movimento como uma abertura, um primeiro sinal de confiança em nós. Sentado no mesmo canto da cama, voltado para a porta do quarto, colocamos uma almofada na sua coxa e por cima a pasta de uma das estudantes, uma adaptação com os elementos que tínhamos para facilitar a atividade. Ele parecia concentrar-se, sem muita exigência na execução, fez o que pôde com o que tinha, nada muito rebuscado. Usou uma cor apenas e contornou uma vez só o pássaro. Ao terminar, perguntamos se ele gostou e ele fez sinal de positivo.

Depois José sugeriu uma forma melhor para ele fazer a pintura na próxima semana. Disse que por conta da baixa visão seria bom um desenho maior e algo que deixasse o desenho inclinado para ficar mais próximo dos olhos. Pensamos no caminho de volta à USF, entre a feira e a parada de ônibus, no pedido dele pelo plano inclinado.

José ficou surpreso e espantado quando mostramos que trouxemos o desenho maior e o plano inclinado, ele disse: “vocês trouxeram mesmo?”. Seus olhos e voz nos passavam sentimentos que não consigo descrever. Dessa vez ele sentiu que nós preparamos para ele aquele material e mudamos porque ele pediu. Era para ele. O modo como José reage à nossa atitude de apenas modificar como ele pediu pode ser entendido de diversas formas. Essa reação nos comunica sobre ele. Nesse dia não pintamos, pois o desencadear do encontro foi outro, singular e profundo. José se iluminou com o que para ele foi uma surpresa e nos contou o que precisava contar. E nós escutamos.

O raciocínio que construímos no decorrer dos encontros com a família retrata aquilo que pretendemos nesse primeiro momento - identificar as demandas e outras possibilidades de melhoria na qualidade de vida deles, mesmo as ainda não percebidas por eles - e, para isso, foi preciso construir um vínculo, que nos propiciaria o acesso a elas, para que fosse possível

trabalharmos essas demandas junto com as pessoas que acompanhamos. Infelizmente, parte das intervenções foi impedida pela pandemia de COVID-19. Apesar disso, foi possível identificar a realidade em que viviam, as demandas iniciais e proporcionar uma escuta sensível e qualificada, acolhendo às necessidades das pessoas e iniciando a construção de um vínculo. Toda essa elaboração e o raciocínio que formulamos revela a intencionalidade das nossas ações que operavam em acordo com a dinamicidade da relação terapeuta-sujeito-atividade (MARCOLINO, 2012).

Nossa indicação de atividade, considerou o contexto e os elementos significativos que pudemos colher durante o pouco tempo com José, pretendíamos ofertar possibilidades de escolha, mobilizar a experimentação (MARCOLINO, 2012) e construir processos relacionais singulares entre as pessoas e os seus fazeres (MARCOLINO et al, 2019). Além disso, a atividade nos auxiliaria a compreender as possíveis significações que seriam atribuídas pela família a todo esse processo (JORGE, 1990).

Nesse sentido, nos trechos da cena 4, busquei elucidar a intensidade e a complexidade da experimentação de José, que perpassou por seus conteúdos internos - sua subjetividade, ou seja, suas memórias afetivas, sentimentos, pensamentos e seus saberes - e compuseram a sua expressão pelo fazer, na materialidade, no escolher materiais e ferramentas, no desenhar, no colorir, no escrever, no experimentar-se em outras posições e movimentos (JORGE, 1990). Esse fazer também gerou em José reflexões sobre esse conteúdo manifesto, o que segundo Jorge (1990) é resultante da mediação e facilitação feita pelo terapeuta desse encontro ativo da pessoa com ela mesma, um fazer através do qual a pessoa pode “adquirir consciência de si, do mundo e de suas relações” (JORGE, 1990, p.19). Para nós, terapeutas em formação, a atividade de colorir os pássaros também nos permitiu conhecer José, suas habilidades, histórias, necessidades, interesses e capacidades.

Se pensarmos nas possíveis interpretações para a forma como José realizou a atividade - e que, portanto, ao fazer, realizou a si mesmo (Jorge, 1990) - considerando o contexto e nossa percepção, podemos, assim, levantar hipóteses, um dos processos do raciocínio profissional que vão compondo nossa *leitura* dos acontecimentos. Nesse caminho de hipóteses, na observação do modo como ele contornou o desenho do pássaro com apenas uma cor, seguindo pelas beiradas no limite do desenho, na fronteira do dentro e do fora, sem preenchimento, esse fazer dele, integrado à nossa percepção da dinâmica familiar, nos levou a nos questionar: estaria José à margem da vida familiar, excluído do convívio familiar? Seria por conta de sua condição física? Por ele se condenar violento ou ser condenado pela família a um possível afastamento da vida familiar, justificado pelo histórico de violência? Como é

para ele estar no quarto? Há o desejo de uma vida com mais autonomia? E talvez, seria esse modo de fazer a atividade uma representação da sua própria sentença de isolamento, que pode ser marcada pela presença de Socorro no quarto durante a pintura, delimitando a posição dela de que ele se mantivesse em silêncio?

Ao mesmo tempo, o modo como José realizou a atividade, adicionou elementos à nossa compreensão de como ele estava ali naquele instante de sua vida. O movimento que fazia ao aceitar a nossa proposta de ser ativo poderia, então, sugerir a sua *janela aberta*, expressando a sua disponibilidade em se relacionar conosco e com a atividade. Uma abertura para relacionar-se com as suas memórias, lembranças, histórias vividas, na recordação dos *“pássaros que já criou em casa através dos desenhos que estampamos, nos fala seus nomes”*, conforme retratamos na narrativa. Tudo isso são hipóteses que os terapeutas fazem em seu raciocínio profissional, nesse exercício de compreender o fazer/agir das pessoas e seus significados e que necessitariam ainda serem confirmadas ou negadas pelas pessoas acompanhadas, nesse contexto, por José. Porém, o nosso tempo com esta família foi curto, não se estendendo para outras etapas da intervenção terapêutica-ocupacional - como os possíveis encaminhamentos, avaliações, estabelecimento de objetivos junto às pessoas da família, dentre outros.

Quando concluiu o contorno do pássaro, José nos fez uma solicitação, para segundo ele, melhorar a realização da atividade, e nós o compreendemos, o escutamos e preparamos a modificação solicitada para o próximo encontro. Essa nossa resposta ao seu pedido é destacada por Bregalda (2019) como a habilidade do terapeuta ocupacional em utilizar o feedback do sujeito para modificar o seu comportamento profissional, ou seja, exercitávamos ali a nossa capacidade de sermos flexíveis diante do outro. Além disso, nossa posição legitimava o saber de José sobre ele mesmo, o que ele sabia sobre seu corpo, suas limitações e suas possibilidades em movimentar-se para fazer aquilo que pretendia.

A nossa apresentação da proposta de atividade, a sua realização com José e depois a sua modificação com base no feedback dele, pode ter comunicado a ele a nossa disponibilidade afetiva para o cuidado - de nós para ele -, e, ao mesmo tempo, o seu reconhecimento da sua própria necessidade de ajuda - de José para nós - quando ele pede uma modificação com base nas suas demandas.

De certa forma, esse arranjo relacional se torna um espaço e um tempo em que o direito de José de receber cuidado foi reconhecido, mesmo ainda não podendo ser explicitado, o que o surpreende: *“você trouxe mesmo?”*, disse ele ao observar a possibilidade de fazer a atividade conforme ele tinha sugerido. Fomos percebendo como sustentaríamos o cuidado

terapêutico ocupacional fundado no vínculo com José, em uma relação de confiança que possibilitaria o seu envolvimento no processo.

Percebo a surpresa de José com o nosso feedback como um momento em que a nossa disponibilidade espelha a dele, o fazer dele com o nosso fazer, formando possíveis espaços, laços e elos de empatia para o encontro dele com novas formas de compreender-se, compor-se e perceber-se, produzindo novos sentidos de existir no seu cotidiano e nas suas relações. Assim, nos aproximar das pessoas que cuidamos de forma ética, afetiva e poética (BREGALDA, 2019) alargou os caminhos, que nos permitiram “o trânsito por matérias de sensações, por terrenos sensíveis, e a abertura para uma corrente de fluxos” (CASTRO, 2005, p.17) com José, Socorro e Ana.

5.5 Cena 5 - Desaguar

Nesse dia, pela primeira vez ele aparentava ter sido cuidado, tinha o cabelo cortado, barba feita e o corpo frio de quem acabou de tomar banho. Primeiro, ele esteve com apenas uma de nós, minha colega, e nesse tempo eu continuei com Socorro, que estava tranquila na cozinha e que depois ficou por lá mesmo, quando as duas estavam juntas com José. Dessa vez e somente dessa vez, ela não foi ao cômodo do companheiro. E ali naqueles poucos minutos escutamos José, sentado na ponta da cama como quem está prestes a se levantar, mas não levanta, era a mesma posição do primeiro dia. Eu que na divisão fiquei na cozinha com Socorro, quando entrei no quarto encontro uma mudança apesar da aparente repetição de posições. Fiquei surpresa, pois os dois sorriram. José se esforçava para lembrar nossos nomes e compartilhava com a estudante sobre suas viagens, fala de seu interesse em utilizar cadeira de rodas, pois gosta de passear e olhar a rua. Disse que passam muitos estudantes voltando para casa depois da escola e que inclusive sua neta, que passa e pede a sua benção pela janela. E com um tom de denúncia em sua voz, aponta para si e diz: “isso aqui é uma cadeia”.

Nós duas nos agachamos na frente dele para olhar em seus olhos lacrimejantes e escutá-lo. E ele conta, assim, com suavidade e sinceridade, mantendo a voz baixa e falha para que ninguém mais escutasse: confessa os atos de violência, as falhas, fala da sua pequenez, conta dos seus avessos, daquilo que ele quer escondido e guardado, aquilo que não se toca, que não tem jeito. Aponta para a sua garganta e movimenta o braço para cima, indicando

na direção da cabeça e diz que só há angústia nesse lugar, buscando no palpável uma forma de explicar os seus arrependimentos. E conclui, expressando sua confiança em nós, dizendo: “nós três somos um”.

Todo esse nosso movimento em direção à família foi no intuito de formar vínculos com as pessoas, instaurar o afeto, o sentir e o se relacionar, para que se formasse um elo afetivo flexível. Esse movimento desejava proporcionar um ambiente favorável à percepção deles acerca de alguns momentos de suas vidas, daquilo que percebiam como necessário ao processo de terapia ocupacional, um espaço vincular para que pudessem “viver os fatos da vida de forma diferente e encontrar uma abertura para dar-lhes significado” (MARCOLINO, 2012, p.16).

Ao mesmo tempo, considerando nossa formação profissional, nesse movimento de vinculação com essa família, o que estava em cena era, além do cuidado em si, uma oportunidade de desenvolvimento de nossas competências relacionais, de nossas habilidades e atitudes, ética e teoricamente sustentadas, estabelecidas em meio a complexidade do cotidiano e das relações interpessoais que se apresentam aos estudantes por meio das práticas de cuidar.

O envolvimento de José no cuidado e na compreensão de sua necessidade de ajuda, nos informou sobre a sua segurança interna. Este conceito é utilizado por Jorge (1989) para fazer referência ao entendimento e identificação de José da sua necessidade de ajuda e da limitação que as condições de saúde acarretam, se referindo como segurança interna da pessoa que acompanhamos. Já a segurança externa (JORGE, 1989) está associada a um sigilo profissional, uma conduta prática moral e ética do terapeuta que evita censuras, críticas e julgamentos moral ou de valor do encontro com as pessoas e suas formas de fazer e existir. Jorge (1989) defende que a segurança interna e externa são elementos fundamentais para que o vínculo terapêutico e a relação de cuidado se estabeleçam.

Estabelecer, nesse sentido, um vínculo de confiança com Socorro possibilitou um momento exclusivo de cuidado para José, como descrevo na cena 5, e garantiu a segurança externa que ele precisava para ocupar-se de si mesmo (JORGE, 1989; 1990). Criamos, portanto, nessa dinâmica das relações, um ambiente de confiança e intimidade, uma atmosfera de calor (JORGE, 1989). Esse contexto favoreceu a escuta e a legitimação da voz de José, bem como, a sua coragem de contar seus segredos.

Percebemos a dimensão que o desenho e o pintar os pássaros alcançaram ao mobilizar os afetos de José e isso nos fez pensar se seria possível recompor essa história familiar.

Poderia ser nessa direção uma aposta nossa para o cuidado e as outras possíveis intervenções, que surgiriam no sentido de revitalizar esse cotidiano, se tivéssemos a continuidade do acompanhamento, que foi finalizado inesperadamente pela interrupção das atividades da Universidade devido à pandemia da COVID-19.

Nosso raciocínio possivelmente seguiria na direção da compreensão da experiência dele com as gaiolas de seus pássaros, no galinheiro pequeno demais para os animais contidos ali. Se imaginarmos a perspectiva de dentro da gaiola, pode-se observar o mundo, a dinâmica e a mudança inevitável das vidas ao seu redor; mas da gaiola não se pode sair, o voo é limitado. José de algum modo nos fala que o quarto e sua condição são como uma *prisão-gaiola*, e reflito sobre o que o prende: seria o seu cotidiano aprisionado? Que não pode nem da janela se aproximar mais, seja por sua condição física limitada ou por sua angústia e culpa diante dos arrependimentos que sente pelo vivido em família? Mas, também, há naquele *quarto-vida* a possibilidade de se abrir a janela, no movimento que José faz, a abertura que ele permite ter conosco, confiar em nós as suas angústias. Limites e possibilidades.

Dessa maneira, o desenrolar desse que vem a ser o último encontro é semelhante ao desaguar das águas do rio no mar, um lançar-se, revelar-se, tornar-se parte. No percurso do nosso raciocínio, o acolhimento ao movimento de abertura e ao saber de José se aliam à disponibilidade afetiva para o cuidado que demonstramos, e propiciam uma confiança para que José rompesse o segredo, para dizer o indizível, reconhecer-se violento e trazer as dores que o aprisionavam. Foi a chance, portanto, de José desatar o nó da garganta e atar conosco um elo, um “nós”.

Por outro lado, José nos conta também os seus desejos e vontades, como querer uma cadeira de rodas e olhar as crianças voltarem da escola de sua janela, o que nos ajuda a compreender a forma como ele atribui significado a essas atividades. É possível que a cadeira de rodas seja a sua liberdade de transitar, a sua autonomia. E observar as crianças passarem, talvez, o recorde de um período alegre de sua vida, da despreocupação, uma fuga breve da angústia sentida que José depois nos conta. São estas hipóteses que fizemos diante do que ele nos disse.

Para mim, é como se nós tivéssemos conseguido desfazer por algum momento a *névoa* que os atos de violência criaram, e com a sinergia dos eventos - proposta de atividade, escuta, solicitação de José e nossa resposta - mostrar para José a sua própria humanidade. Relendo um poema de Cora Coralina que gosto muito, percebo na frase: “*E isso não é coisa de outro mundo: é o que dá sentido à vida*”, o que neste estudo, para mim, dá sentido à intervenção terapêutica ocupacional. Reflito sobre o desenrolar desse acompanhamento com José, Socorro

e Ana, e sobre como pode ser paradoxalmente profunda e intensa a aproximação de duas estudantes de um contexto familiar de tamanha complexidade. E que às vezes o ato de olhar nos olhos, de dirigir a palavra a alguém e de responder a uma solicitação pode, a depender da história de vida, da disponibilidade afetiva e da sequência de intervenções - como fomos explicitando neste estudo -, dar rumos antes impensáveis às construções terapêuticas ocupacionais.

Além de nos aproximarmos do que cabe ao terapeuta ocupacional, como nos ensina Jorge (1990) - oportunizar que a pessoa ocupe-se de si mesma, se aproprie da sua história, tornando-se cada vez mais protagonista de sua vida - experimentamos a potência e os desafios para que um vínculo terapêutico se estabeleça e avançamos significativamente no desenvolvimento de nossas competências relacionais.

Todavia, o último encontro com José, Socorro e Ana pode ser considerado também como o início da terapêutica-ocupacional, pois até aquele momento tínhamos dado os primeiros passos do raciocínio de avaliar as pessoas para estabelecer o processo de cuidado. Com mais tempo a partir dali, teríamos outros desdobramentos e a continuidade do acompanhamento, caso o cuidado não tivesse sido interrompido pela pandemia de COVID-19. A família foi avisada que os nossos encontros de terapia ocupacional seriam cessados, e a possibilidade de continuar os acompanhamentos de forma remota não foi levantada pelas condições socioeconômicas da família, sendo realizados posteriormente alguns contatos por mensagem com Ana. O semestre universitário também se aproximava do fim e por isso, reforçamos o vínculo da família com a USF para as condutas futuras de saúde.

5.6 Cotidiano-poesia-estudo

“Dançantes Rotinas

Como já bem dizia minha irmã

“viver é dançar de acordo com o caos”

Eu que por muitas vezes pensei em mandar nessa vida

quando ele se tornou caos não consegui

A vida é bicho solto

e disso eu bem sei hoje.

Nessas andanças que fazemos debaixo

*do sol matinal já vemos
no passar dos carros,
motos,
pessoas,
animais.*

*Parece uma dança.
Ordenados em fileiras,
sincronizados com o ritmo do cotidiano
de quem há séculos repete os mesmos passos
Passos estes sofridos e contraditórios
das vidas dinâmicas
harmônicas
dançantes rotinas.*

*E é quando nossos movimentos se espelham
que vem o grande espanto
Um segredo bem guardado dentro do peito
Revelado
Contado baixinho para que não atravessasse as paredes
Dito para três, contado para um
Dito como algo pesado que se coloca em uma mesa
para deixar o coração leve.*

*Ato de trazer as angústias à tona
Coragem de confiar
passadas
vividas
presentes dores.
Mantidas no abandono caótico dos erros cometidos
das escolhas desritmadas
das esperanças apáticas.*

*Mas a dança da vida acontece
independente da música e*

conforme o caos.”

No desenrolar dos encontros, no imprevisível e na complexidade da vida eu sinto uma beleza, a vida em movimento: a dança, o passar, o trazer, o contar e o desatar. Na minha experiência de formação profissional, a prática com essa família revelou também a complexidade de se aproximar do viver de outras pessoas, das relações, do cuidado e as várias dimensões a serem consideradas: os lugares, as pessoas, as relações das pessoas com os lugares e entre elas, o individual e o coletivo, o micro e o macrosocial.

Nesse sentido, a poesia é a via onde passa a corrente dos fluxos do encontrar com o outro, do acontecer, do estar e é a tentativa de fazer um retrato daquele momento, da minha experiência ainda fresca e que transborda e anseia por compreensão. Percebo na proximidade com essa família, as contradições, os tropeços, os desamparos da existência humana e os esforços para sua continuidade, independente da dor latente. Escolho na poesia a palavra *caos* como forma de referenciar a enxurrada de informações e elementos com as quais me deparei nessa primeira prática, é a vida que não está sujeita a roteiro, a ensaios ou mesmo à métrica, mas que se poetiza nos versos.

A forma como essa experiência me afetou e ainda afeta demonstra a formação de um raciocínio profissional voltado para o sensível e para a empatia, descrita por Jorge (1989) como a capacidade do terapeuta de se colocar no lugar do outro e de ver o mundo na perspectiva dele, como um mergulho no mundo subjetivo do outro.

Essa minha experiência, a percepção da dimensão do vínculo terapêutico e de sua centralidade para minha atuação profissional se faz registrada no processo de construção desse estudo, como o exercício de nomear, sistematizar e refletir sobre aquilo que me aconteceu e em conjunto, identificar o meu saber da experiência (LARROSA, 2021) e o ato de apurar a minha percepção das sutilezas, dos afetos e dos detalhes durante o encontro com as pessoas. Em consonância, o acompanhamento com a família possibilita essa experimentação e o desenvolvimento das competências relacionais (BREGALDA, 2019) e assim, a minha construção como profissional da terapia ocupacional.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo me debrucei sobre a construção de um fazer/agir terapêutico ocupacional singular e significativo para mim e de um raciocínio sobre o cotidiano das pessoas que acompanhei que toma forma nesse primeiro contato com a prática, durante a minha formação em terapia ocupacional. Explicito o meu raciocínio profissional na formação de um vínculo terapêutico e o modo como na prática as minhas competências relacionais foram sendo desenvolvidas.

Ao relatar e analisar a minha experiência, desenvolvi neste estudo um caminho contrário aos automatismos, aos conformismos e à alienação pela rotina e horários a cumprir, exigências e demandas da graduação e da vida, que muitas vezes nos encontramos submetidas, como estudantes. Faço um momento de interrupção desses automatismos para notar a profundidade do encontro com as pessoas, da experiência de construir-me e sentir-me terapeuta ocupacional em formação. Foi preciso, portanto, me permitir, me deixar afetar e me preparar para encontrar com as pessoas que iria acompanhar, para que então construísse uma relação de cuidado com elas. Na escrita deste estudo, me propus ser sujeito da experiência daquilo que *me* aconteceu, necessitei viver a *experiência* de encontrar-me com o outro, e concomitantemente me formar e me constituir ativamente.

Parti da produção de uma narrativa livre como meio de registrar em palavras, nomear a minha experiência e extrair o seu saber. Desenvolvi um percurso de escrita sobre o meu raciocínio profissional, o que provocou uma reflexão sobre as relações terapêuticas construídas, colocando em foco o cotidiano das pessoas que cuidei, e relatando a formação da minha habilidade de deixar-me afetar pelas situações, de aguçar a minha empatia nas *leituras* e escutas sensíveis que tentei realizar. Relatei e dialoguei com a potência e os desafios para o estabelecimento de um vínculo terapêutico e apontei os avanços significativos no desenvolvimento das minhas competências relacionais.

Os conhecimentos, atitudes e habilidades relacionais são gestos e modos de agir do terapeuta ocupacional que ditam e complementam a qualidade das relações de acolhimento e de cuidado, permitem a construção de relações horizontais, críticas e políticas. Tais competências relacionais são fundamentais na prática profissional e pude exercitá-las durante o acompanhamento com esta família. Experimentei, ainda, a construção do vínculo terapêutico, e a compreensão dele como um processo central e constitutivo do cuidado em terapia ocupacional.

A experiência prática pôde proporcionar o contato com a complexidade que caracteriza o cuidado com as pessoas que acompanhamos, por permitir e potencializar, simultaneamente, a atuação e a formação do raciocínio profissional. Outras dimensões importantes para o desenvolvimento das competências relacionais também puderam ser assimiladas: as pessoas, os lugares, as relações das pessoas com os lugares e com outras pessoas, as atividades das pessoas e a relação delas com as suas ações, os modos de vida individuais e coletivos e como se manifestam no micro e no macrosocial. Assim, descrevi esse processo com um tom literário e poético às cenas que destaco.

Também analisei a minha disponibilidade afetiva para ofertar o cuidado e a emparelhei com a disponibilidade do outro em recebê-la. E assim, esse estudo explicitou a construção de um raciocínio terapêutico-ocupacional que além de outros elementos esteve suscetível a atentar-se aos pequenos detalhes, àquilo que poderia parecer banal, mas que comunicava as sutilezas da vida, da experiência de viver das pessoas. Isso que me chamou a atenção como terapeuta ocupacional, me comunicou e me deu conteúdo para a construção do vínculo e, concomitantemente para o cuidado daquele sujeito e daquela família, tornando-se, então, fundamental no meu processo formativo das minhas habilidades e atitudes, ética e teoricamente sustentadas, estabelecidas em meio a complexidade do cotidiano e das relações interpessoais que se apresentaram nas práticas de cuidar que realizei.

No decorrer desse estudo, explicitarei também a resposta das pessoas ao meu movimento de aproximação, notando o momento em que a minha disponibilidade se espelhava às delas, formando possíveis espaços para os laços e elos de empatia, para o encontro com o outro e com as novas formas de compreender-se, compor-se e perceber-se na sua produção de novos sentidos de existir no cotidiano e nas suas relações. E por isso, uma intervenção/ação terapêutica-ocupacional que dá chances às pessoas para desatar o possível nó da angústia e atar conosco um nós, um vínculo de confiança para o cuidado.

Compreendi a influência da construção de uma atmosfera de calor na aproximação de qualidade e na formação de vínculo com as pessoas que acompanhei. Adicionado a isso, percebi como a segurança interna e externa são elementos fundamentais para o acontecer terapêutico-ocupacional e para que a relação de cuidado se estabeleça. Percebendo que ao fazer a pessoa faz a si mesma e a terapia ocupacional oportuniza/facilita espaços para que as pessoas se ocupem de suas próprias vidas e histórias, tornando-se protagonistas e ativas da/na construção de si.

Não pretendo oferecer caminhos a serem seguidos por outros estudantes em formação, por compreender que esse estudo tem como limitação se referir a minha experiência particular.

No entanto, entendo que ele aponta possibilidades em algum nível generalizáveis para outros cenários de desenvolvimento profissional em especial àqueles que pretendem basear-se no vínculo terapêutico como parte integrante das estratégias de cuidado em Terapia Ocupacional.

Também não propus neste estudo um ponto final nas discussões que realizei, pelo contrário, escrevi para sinalizar a complexidade e a interpretação múltipla que ao acompanhar uma família em processo terapêutico-ocupacional me deparei, evocando assim uma constante poesia-estudo em meu cotidiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BREGALDA, M. M. **Formação graduada em terapia ocupacional e desenvolvimento de competências relacionais: estudo dos currículos dos cursos públicos no Brasil**. 2019. Tese (Doutorado em ciências da reabilitação) - Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

CASTRO, E. D. de. Inscrições da relação terapeuta-paciente no campo da terapia ocupacional. **Rev. Ter.Ocup. Univ. São Paulo**, v. 16, n. 1, p. 14-21, jan./abr., 2005.

GALHEIGO S. M. Contemporary narratives: meaning, diversity and context. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 20, n. 1, p. 8-12, jan./abr. 2009.

JORGE, R. C. **Relação terapeuta-paciente: notas introdutórias**. Belo Horizonte, GES.TO, 1989.

JORGE, R. C. **O objeto e a especificidade da terapia ocupacional**. Belo Horizonte, GES.TO, 1990.

JORGE, R.C. **Psicoterapia Ocupacional**. Belo Horizonte, GES.TO, 1995.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Autêntica, Belo Horizonte, 1. ed., 5 reimp., 2021, p. 15-34. ISSN 978-85-8217-437-1.

LIMA, E. M. F. A. A análise de atividade e a construção do olhar do terapeuta ocupacional. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 15, n. 2, p. 42-8, maio/ago., 2004.

MARCOLINO, T. Q. et al. “É uma porta que se abre”: reflexões sobre questões conceituais e de identidade profissional na construção do raciocínio clínico em terapia ocupacional. **Cad. Bras. Ter. Ocup.**, São Carlos, v. 27, n. 2, p. 403-411, out., 2019.

MARCOLINO, T. Q. O raciocínio clínico da terapeuta ocupacional ativa. **Revista CETO**, São Paulo, n. 13, p. 14-25, 2012.

MAXIMINO, V. S.; TEDESCO, S. Rotina, hábitos e cotidiano: no banal e no sutil, a trama da vida. In: MATSUKURA, T.S.; SALLES, M.M. **Cotidiano, atividade humana e ocupação: perspectivas da terapia ocupacional no campo da saúde mental**. EdUFSCar, São Carlos, 2017, p. 123-146. ISSN: 978-85-7600-433-2.

MUSSI, R. F. F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, out./dez., 2021.

SIEGMMAN, Christiane. Caso-pensamento como estratégia na produção de conhecimento. **Interface - Comunic, Saúde, Educ.**, v.11, n.21, p.53-63, jan./abr., 2007.

SOUSA, M. G. S.; CABRAL, C. L. O. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 149-158, 2015.